

ESCOLA  
DO OLHAR

Ministério da Cultura, Prefeitura da Cidade  
do Rio de Janeiro e Secretaria Municipal  
de Cultura apresentam



**ESCOLA  
DO OLHAR**

# CONFLU ÊNCIAS

*Entre ruas, escolas e museus*

TU TÁ NO RJ



NÃO É DISNEY

TU TÁ NO RJ



NÃO É DISNEY

TU TÁ NO RJ



NÃO É DISNEY

TU TÁ NO RJ



NÃO É DISNEY

TU TÁ NO RJ



NÃO É DISNEY

TU TÁ NO RJ



NÃO É DISNEY

TU TÁ NO RJ



NÃO É DISNEY

TU TÁ NO RJ



NÃO É DISNEY

TU TÁ NO RJ



NÃO É DISNEY

TU TÁ NO RJ



NÃO É DISNEY

O MAIOR MUSEU DO



MUNDO É A RUA

## Apresentação

Buscar a ampliação das percepções do público é um dos objetivos do Museu de Arte do Rio (MAR), mas garantir um espaço museal de troca contínua e constante do conhecimento já é uma realidade por aqui. Ao lado do Programa de Exposições e das suas Coleções, a Escola do Olhar assume um papel fundamental como polo de pesquisa, produção e disseminação de conhecimento da instituição. Hoje, o MAR é mais do que um museu, é uma escola; e mais do que uma escola, é um museu.

A residência artístico-pedagógica MAR nas Escolas chega à sua terceira edição. Abrimos o Museu para a formação de professores da rede pública, que é onde a ação entre arte e educação garante um caminho para a criação de possibilidades e de encontros. É a primeira vez que esse espaço expositivo recebe a produção artística de professores que, através de paisagens sonoras e videoperformances, vai poder mostrar aos nossos visitantes poéticas singulares do fazer artístico e pedagógico.

O imperativo de um novo pensar sobre a educação tem sido levantado nas últimas décadas a partir de cruzamentos interdisciplinares, com tecnologia, diálogo e afeto. Construir um pensamento crítico vai muito além da sagacidade teórica da educação. A prática conta muito. Por esse motivo, cabe aos professores e professoras proporcionarem à comunidade escolar oportunidades para a construção de um conjunto de saberes e habilidades, por meio de novas estratégias que incluam educação, arte, ciência, tecnologia, saberes ancestrais, escuta e tudo aquilo que possa reverberar numa troca onde o conhecimento é plural e irrestrito.

Seja toda a gente muito bem-vinda!

**Leonardo Barchini**

*Diretor e Chefe da Representação da OEI no Brasil*

**Sandra Sérgio**

*Diretora Executiva do MAR*

*Coordenadora Nacional de Projetos Especiais da OEI no Brasil*

# sumário

prefácio	9
MAR nas escolas - escolas no MAR	10
<b>nascente // 1ª edição</b>	<b>15</b>
dos começos	18
<b>leito // 1ª edição</b>	<b>20</b>
ficha Técnica - 1ª edição	24
<b>confluências // 1ª edição</b>	<b>26</b>
<b>nascente // 2ª edição</b>	<b>33</b>
até aqui... e além	36
<b>leito // 2ª edição</b>	<b>40</b>
escutar, escutar	42
roteiro para peça audiovisual MAR nas Escolas 2022	46
paisagens sonoras	53
ficha Técnica - 2ª edição	61

<b>confluências // 2ª edição</b>	<b>62</b>
<b>nascente // 3ª edição</b>	<b>67</b>
arte e comunidade como ferramenta metodológica	71
<b>leito // 3ª edição</b>	<b>74</b>
aproximar, distanciar, borrar, rascunhar, experimentar	76
videoperformances & paisagens sonoras	79
um infinito de possibilidades	90
ficha Técnica - 3ª edição	96
<b>confluências // 3ª edição</b>	<b>98</b>
reminiscências de um processo	104
ativação	106
dos jogos (d)e confluências	108





# prefácio

## **quando o Museu encontra a rua e educadores fazem escola: confluências**

*Ana Paula Alves Ribeiro*

Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Muito tem se falado sobre o papel dos museus e seus educativos, sobre maneiras possíveis de Museus de Arte, Museus Históricos e de Cultura construírem maneiras de decolonizar práticas e discursos. Entender que suas práticas não estão cristalizadas, acionar os espaços de escuta e se abrir ao território e a sua comunidade são possíveis caminhos para construirmos outros tipos de museus.

A Escola do Olhar, assim como seu programa de residência artístico-pedagógica Mar nas Escolas, destinada a professores da rede pública municipal, possibilita, mais que tecer as relações entre museus e escola, refletir sobre as reverberações em sala de aula de projetos artísticos, de museus e de cidades. Da mesma forma, propõe aproximações com estudantes nesses processos e insere esses docentes em debates que não se limitam a uma única conversa.

Viver os museus. Entender seus projetos. Dialogar com a extensa comunidade que o compõem e suas parcerias. Olhar para si e seu entorno. Assumir que o Museu é seu, e que as Cidades são suas. Estabelecer campos de interlocução e espaços seguros de trabalho. Criar. Construir e registrar. Entender que o campo artístico, assim como o educativo também são campos de memória. Partilhar saberes. Afetar e se deixar ser afetada.

As três edições que compõem esta publicação apontam para possibilidades e realizações de trabalhos coletivos, de construção de respeito, de ativações que incorporem os lugares ocupados pela arte e pela educação na cidade, suas experiências, performances, visualidades e sonoridades. Mergulhar nas diferentes existências, experiências e criações é também um convite a habitar espaços e temporalidades, desejos e projetos, outros chãos, outros centros e outras margens.

# MAR nas escolas escolas no MAR

*Patrícia Marys*

Gerente de Educação e Escola do Olhar

Nós somos o começo, o meio e o começo.<sup>1</sup>

O MAR nas Escolas nasce em 2021 como um exercício da Escola do Olhar, uma tentativa de tecer um caminho entre o museu e a escola em meio às marés tempestuosas de uma pandemia. Nosso anseio? Navegar até o maior número possível de escolas públicas e suas respectivas comunidades escolares, levando o Museu de Arte do Rio com tudo aquilo que, enquanto educadores, mais prezamos: a arte da mediação na escuta atenta, na sustentação da diversidade de olhares e na riqueza da troca. Nesta publicação, celebramos nossas três edições daquilo que, até hoje, se revela e nos revela *em processo*.

Nesta busca por tecer caminhos, nosso impulso inicial nos lançou em direção aos estudantes. Foi assim que, na primeira edição, fomos ao encontro de jovens estudantes no intuito de trazê-los para o MAR, estimulando que ocupassem os bastidores do Museu, compartilhassem suas narrativas e fizessem com que a instituição transcendesse seus próprios muros. Para isso selecionamos, por meio de um chamamento público, nove jovens da região portuária que, junto com a equipe da Escola do Olhar e o roteirista Matheus Bizarrias, produziram quatro peças audiovisuais em que foram entrelaçados os anseios desses jovens com os eixos de ação da nossa Escola.

Desde o início, estivemos atentos para que os rigores de metodologias engessadas não tomassem conta de um processo que queríamos aberto, arriscado na vulnerabilidade diante dos encontros, das conexões e das trocas.

---

<sup>1</sup> Verso de poesia de Antônio Bispo dos Santos, feita para o povo da favela da Maré, em 2018, em ocasião da cerimônia de recebimento do prêmio Mestre das Periferias. Publicado na Revista Revestrés #50, nov./dez. 2021.



Queríamos, em suma, construir esses caminhos junto ao nosso público. Foi assim que mergulhamos na criação do que chamamos *roteiro processual*, pensando construir os caminhos dessa experimentação em conjunto, a partir do chão do museu, em uma escuta atenta para uma criação coletiva, em um projeto coletivo a ser realizado por uma equipe multidisciplinar.

Enquanto celebrávamos o lançamento das peças audiovisuais no auditório do MAR, nos demos conta do público que lotava aquele lugar: eram professores da rede pública. E eles transbordavam o tempo-espço daquele evento: estavam pelas salas de exposição, pelos corredores, ocupando os pilotis com seus estudantes, persistindo no contato com a Escola do Olhar, no desejo de continuar esse exercício formativo, experimentando as possibilidades de atravessamentos entre museu e escola. Neste momento, soubemos que deveríamos nos lançar em direção a esse público.

Caminhando dos estudantes em direção aos professores, chegamos em outro ponto dessa complexa teia que dá corpo à educação formal nas escolas. Seguimos, contudo, na direção da construção coletiva e processual dos caminhos que aproximam essas instituições. E foi assim, em meio ao amadurecimento de nosso processo, que iniciamos a construção daquilo que viríamos chamar de residência artístico-pedagógica MAR nas Escolas.

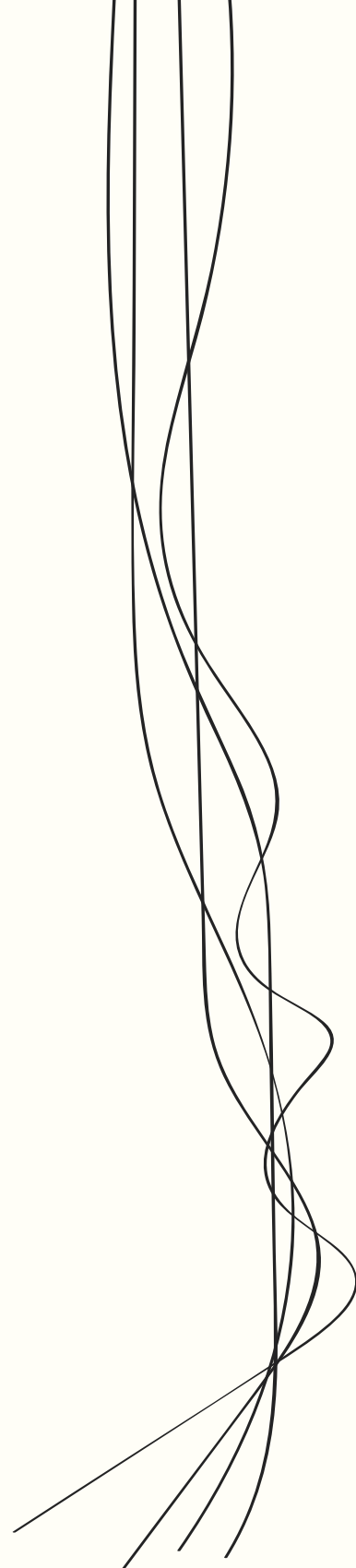
Em 2022, segunda edição do MAR nas Escolas e primeira edição de nossa residência, selecionamos 6 professores da Rede Municipal de Educação do Rio para trabalharem junto da equipe multidisciplinar formada por Matheus Bizarrias, Wesley Prado, Jarbas Lopes e Keila Zanche – todos responsáveis por desenvolver as atividades com os professores.

Foram propostas experimentações que nos provocaram a refletir sobre as distâncias entre as instituições escola e museu, assim como pensar em estratégias para diminuí-las. Algumas questões sintetizaram esse processo: como trazer sons da escola para o museu? Como trazer questões da vida vivida no chão das escolas para o museu? E foi por meio de uma pesquisa de escuta dos cotidianos das escolas que construímos paisagens sonoras para ocupar os pilotis do MAR – exposição chamada “MAR nas Escolas no MAR”.

Seguindo em direção à nossa terceira edição, lançamos as redes para descobrir o que poderia vir a ser o MAR nas Escolas de 2023. Foram os professores-residentes de 2022 que contribuíram para essa construção coletiva. Assim, costuramos juntos a ementa de 2023, desentrelaçando o que deu certo do que deu errado, identificando pontos para apostarmos e pontos inegociáveis na construção desse processo. Nesta edição, Alex Teixeira, Wesley Prado, Rafael Doria e o artista Cansado da Internet participaram como artistas convidados a compor nossa equipe multidisciplinar.

Seguimos com o exercício de elaboração do roteiro processual, agora trazendo as pesquisas individuais de cada um com o objetivo de criar uma pesquisa coletiva. E foi assim que nos debruçamos em pensar o território, os caminhos percorridos nesse trânsito museu-escola. O que essas ruas dizem? Essas mesmas ruas que vemos todos os dias, pelo mesmo trajeto, muitas vezes percorridas nos mesmos horários. O que elas podem nos provocar? O que revelam? Ruas essas que nosso olhar, nosso passo, nosso corpo já estão acostumados. Como desacostumar? Mergulhamos nos exercícios de imagem e som, criando performances individuais e paisagens sonoras que cada trajeto poderia nos revelar. E, assim, iniciamos a fabulação do que viria a ser a instalação artística “Confluências: entre ruas, escolas e museus”.

MAR nas Escolas 2022 e 2023 foi sobre criarmos zonas de encantamento e recuperarmos os estados de esperança. A residência artístico-pedagógica esteve interessada em viver o tempo do gerúndio, o criar tempo-espaço para investigar o como e para que estamos numa formação; o criar tempo-espaço para investigar os sons, imagens e sensações que invadem o ir e vir de nossos corpos transeuntes entre instituições territorializadas na cidade; o criar tempo-espaço para investigar os sons, imagens e sensações que atravessam os corpos que habitam o espaço escolar e também o espaço do museu.



Elaborar um projeto com base num roteiro processual com tanta gente envolvida foi escolher nos arriscarmos. Mas num risco que se faz junto, abrindo possibilidades, abraçando o não saber os trajetos e pesquisando as possíveis rotas coletivas.

O filósofo, poeta, escritor e professor Nêgo Bispo, diz que “um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluência, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida”.<sup>2</sup> Acredito que a potência do Mar nas Escolas está na força de ser confluência, em que a cada passo à frente, sentimos não ter a menor certeza de onde vamos parar, porque o mais importante é mirar na certeza de que seguimos construindo. Seguimos ocupando espaços para caber mais gente, mais sonhos. No caminho que se faz caminhando com um bando de gentes – entre ruas, escolas e museus.

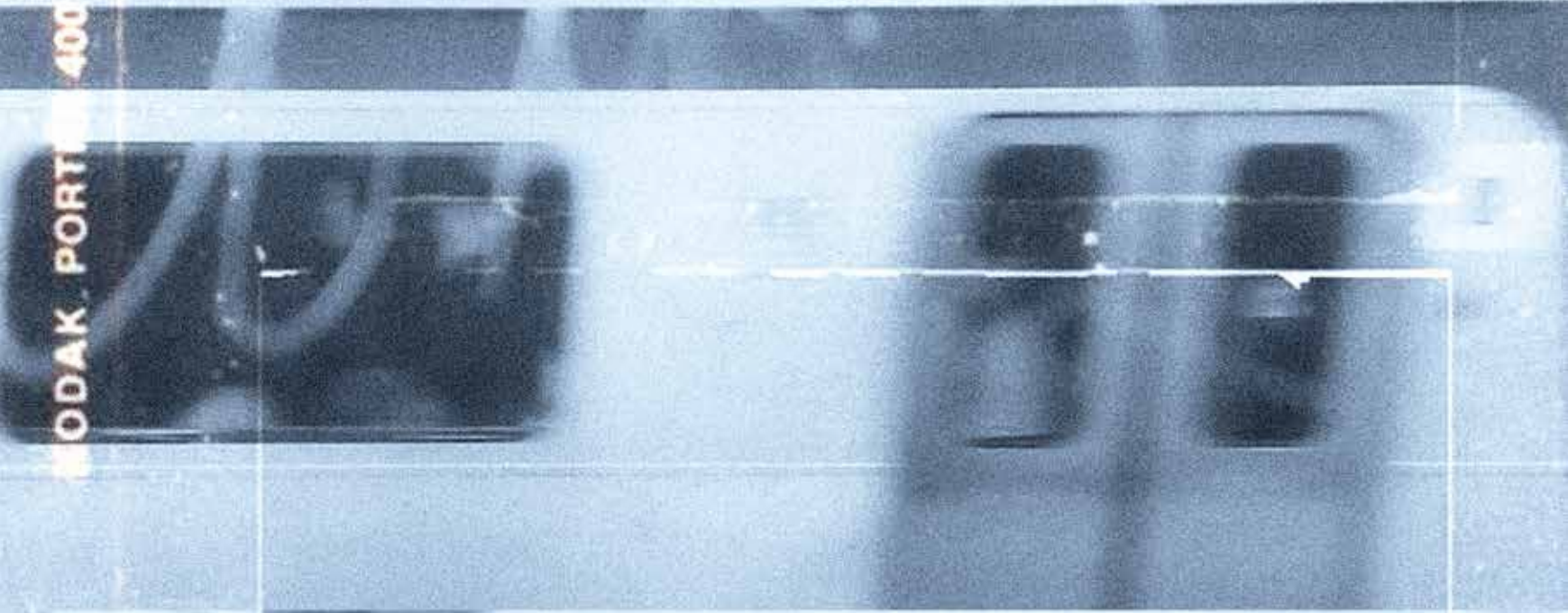
*Começo-meio-começo e confluências*: referenciais buscados em Nêgo Bispo que inspiram ações e dão o compasso desta publicação. Percorreremos o léxico gramatical dos rios para (des)estruturar o formato catálogo que nos restou como tarefa. Você, leitor, leitora, leitor, encontrará, a seguir, três rios-edições que se confluem, se adensam, aumentam, conforme o correr do rio-processo, conforme o encontro e a soma trazida por cada participante.

Desejo a você uma boa leitura!

---

<sup>2</sup> DOS SANTOS, Antônio Bispo. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023, p. 15.

KODAK PORTRA 400



KODAK PORTRA 400



43

01

**nascente**

1ª edição



[...] vejo o fazer artístico como experiência coletiva possível para pensar e sentir uma educação que realmente nos impulse a sonhar e criar mundos, novas paisagens, honrando os que vieram antes e as futuras gerações

Licença pra pisar nesse chão

Licença aos que vieram antes

Licença aos que virão

Licença para nosso corpo atravessar

E por aqui desaguar

Águas salgadas, lágrimas e suor

Do verbo originário Seio-mar, Guaná-Pará!

Salve, Seu Tupinambá!

Águas Salgadas, lágrimas e suor

Pequena África além-mar, Guanabara!

Salve, nossa mãe Iemanjá!

Corpos de lá pra cá!

Em que paisagem você está?

Corpos de lá pra cá!

Qual história essa água, qual memória essa terra tem

pra te contar?

Corpos de lá pra cá

Qual território seu corpo carrega por onde quer que você vá?

Corpos de lá pra cá!

**Quais sonhos te fazem atravessar?**

Pode cantar, dançar, batucar

Rir e chorar

Até desenhar

Você está no MAR, na baía

de Guaná-Pará

E quando desembarcar, é só

pegar o bonde pra

continuar!

*Amanda Potyra Vendramin, Pará Pa'rá, Rio'Mar, Ativação, fevereiro de 2024*



# dos começos

*Matheus Bizarrias*

Roteirista e Pesquisador convidado

Em 2021, fui convidado para escrever o roteiro do projeto MAR nas Escolas. Naquele ano, por ser incipiente, ainda não se tinha uma proposta exata, bem desenhada, do que o projeto poderia se tornar e abarcar em sua dimensão prática. Era, por isso, uma proposta de experimentar possibilidades de linguagens artísticas dentro do audiovisual.


Mas tínhamos uma orientação prévia para fazer com que a escrita do roteiro dialogasse com as atividades realizadas pelo educativo do Museu: re-alizar o levantamento de temas relevantes e efervescentes dentro da realidade ali vivenciada, fruto do encontro do público com o trabalho dos educadores da Escola do Olhar.

Naquele momento, a Escola possuía 4 eixos temáticos desenvolvidos e praticados pelos educadores durante as visitas mediadas com as escolas nas exposições e atividades do Museu: “Práticas Artísticas Contemporâneas”, “Meu corpo no Museu”, “Guardar para lembrar” e “Vejo o Rio de Janeiro”.

A ideia, então, era desenvolver um roteiro que articulasse esses eixos com as territorialidades, racialidades e pertencimentos aos bairros que constroem a região onde o MAR está inserido. Visava, ainda, investigar e esgarçar as pontes e questões que surgem no e do encontro entre museu e escola.

Diante do curto tempo que tínhamos para a execução do projeto, 2 meses ao todo, optamos por seguir por um caminho de construção coletiva no chão do museu ao invés de uma produção solitária distanciada desse espaço. Nesse sentido, propomos a formação de um coletivo composto por jovens dos bairros do entorno do MAR que possuíssem alguma ligação com a experimentação artística e que tivessem interesse em construir, em conjunto, esse experimento.

Assim, criamos o grupo formado por Carolina Patricio, Henri Fox, Jay Marianna, Lucas Laurindo, Pietra Motta, Ruth Dias, Stefany Cristina, Waleska Oliveira e Wesley Torquato.



A partir dele, realizamos uma série de encontros no próprio Museu para conversar e provocar questões, sempre com acompanhamento e mediação de Fernando Porto, o educador responsável pela Escola do Olhar. Nesses, experimentamos juntos as visitas mediadas dos eixos temáticos na expectativa do que despertariam em cada um e no coletivo. A partir da escuta desses encontros, escrevi o roteiro do que viria a se tornar os quatro vídeos que produzimos.

O grupo nos deu a possibilidade de uma escrita dinâmica em cima de uma estrutura real, com pessoas verdadeiramente implicadas afetiva e politicamente com o território e com todo o debate trazido pelos eixos temáticos. Poderia dizer que o fio condutor para a escrita do roteiro foi a subjetividade e sensibilidade dos participantes, a propriedade e espontaneidade com a qual falavam, se abriam e se implicavam nas conversas. A mim coube acompanhar e manter a escuta aguçada para costurar as informações que dessem conta de narrar todo o emaranhado temático que foi proposto – sem perder de vista, claro, o potencial de experimentação do projeto.

Para a gravação dos vídeos, trabalhamos com captações de imagens híbridas. Além da câmera principal da equipe de filmagem, usamos o material gravado nos celulares dos próprios jovens. A proposta era que eles filmassem o bairro, seus lugares de afeto e seus trajetos até o Museu, para que também captássemos as manifestações mais espontâneas e subjetivas de seus corpos nesses espaços, trazendo a ideia de pertencimento sobre eles, assim como os atravessamentos raciais, estéticos e éticos.

Os vídeos resultantes desses encontros representaram não só a experimentação proposta como linguagem central deste processo, como também representaram um percurso que se iniciava, uma *experimentação em curso*. Eles foram o pontapé para descobrirmos as possibilidades futuras do projeto, pois neles parecia haver uma espécie de esboço do que ele poderia se tornar.

Entendemos, então, que o roteiro, assim como o próprio projeto, precisava ser uma construção presencial e processual, implicada dentro e com o próprio grupo que se forma. É desse encontro que reside sua força e suas consequências.

# 01

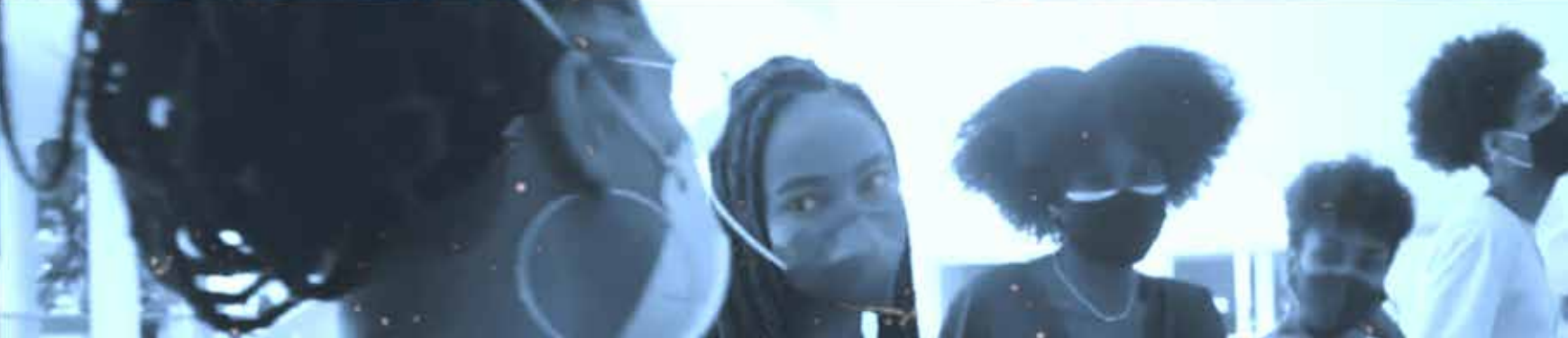
**leito**

1<sup>a</sup> edição

Entendemos, então, que o roteiro, assim como o próprio projeto, precisava ser uma construção presencial e processual, implicada dentro e com o próprio grupo que se forma.

**É desse encontro que reside sua força e suas consequências.**







# ficha técnica - 1ª edição

## **PARTICIPAÇÃO, IMAGENS E CONTEÚDOS**

Carolina Patricio  
Henri Fox  
Jay Marianna  
Lucas Laurindo  
Pietra Motta  
Ruth Dias  
Stefany Cristina  
Waleska Oliveira  
Wesley Torquato

## **EDUCADOR RESPONSÁVEL**

Fernando Porto

## **ROTEIRO**

Matheus Bizarrias

## **PRODUÇÃO E FILMAGEM**

Ariadine Zampaulo

## **FILMAGEM**

Ariadine Zampaulo  
Victor Coutinho  
Wiliam Mattos

## **EDIÇÃO**

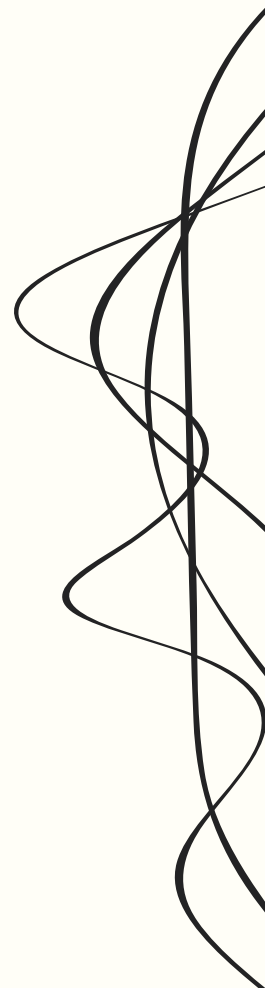
Wiliam Mattos

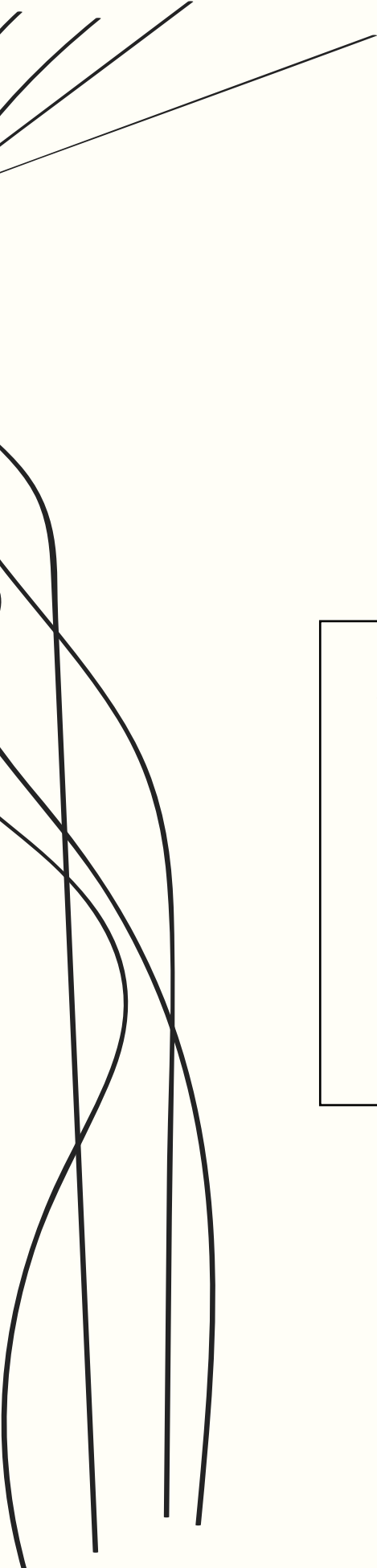
## **TÉCNICO DE SOM**

Victor Oliveira

## **EQUIPE ESCOLA DO OLHAR**

Patrícia Marys  
Priscilla Souza  
Rajnia de Vito  
Andressa Oliveira  
Karen Merlin  
Fernando Porto  
Guilherme Maris  
Letícia Julião  
Maria Rita Valentim  
Alice Silveira  
Ruanna Sander

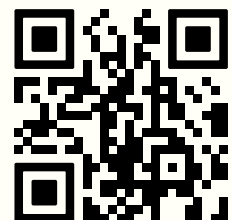




As peças audiovisuais foram idealizadas a partir dos quatro eixos de trabalho da Escola do Olhar e elaboradas de forma coletiva por Matheus Bizarrias juntamente com os jovens participantes Carolina Patricio, Henri Fox, Jay Marianna, Lucas Laurindo, Pietra Motta, Ruth Dias, Stefany Cristina, Waleska Oliveira e Wesley Torquato.

Os 4 episódios tiveram seu lançamento no dia 29 de outubro de 2021 no auditório do Museu. Posteriormente os vídeos foram disponibilizados na plataforma Rioeduca, sendo compartilhados para toda Rede Municipal de Educação do Rio.

*Acesse o QR Code para visualizar as visitas  
mediadas para a edição em destaque.*



01

**confluência**

1ª edição





## **O prazer de encontrar os meus pares.**

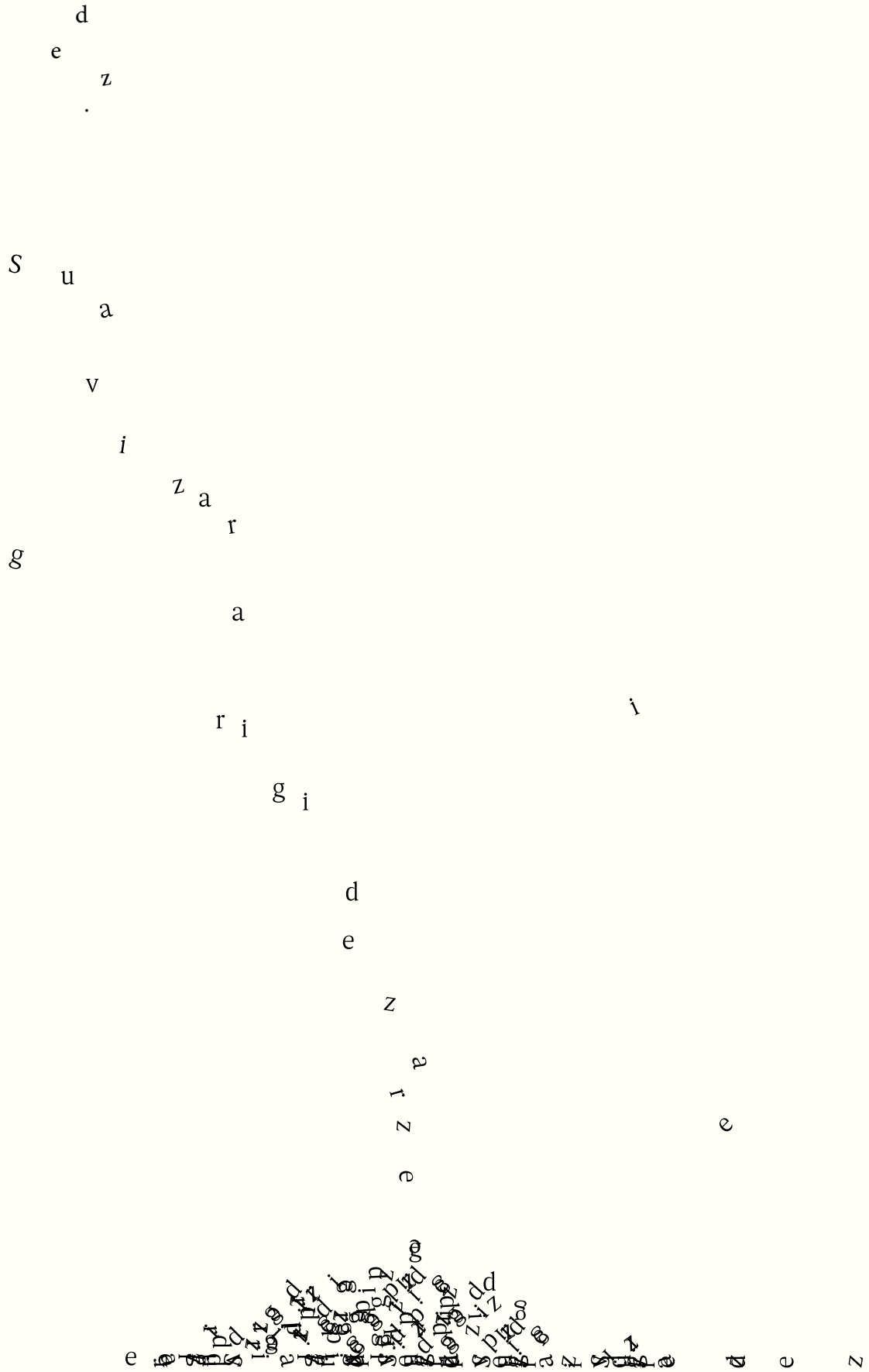
A alegria de dividir e ser ouvida sem julgamentos. A empatia de saber que não estou sozinha. A visita e o bate-papo sobre as instalações e exposições do MAR. As descobertas sutis que aconteceram quando pude parar e olhar um pouquinho para dentro de mim. Momentos como esses se eternizam nas memórias. Que as águas desse mar de conhecimentos e trocas confluam e contribuam para a leveza de uma prática docente consciente de nossos desafios, mas que respeite nossos limites, que nos acolha e que nos abrace. **Isso é MAR nas Escolas.**

*Fernanda Madalena Fiuza, Memórias do processo 3ª edição, março de 2024*

Ao me deparar com a oportunidade de me reconectar com meu lado artístico, sensível e poético [...], enxerguei uma chance de **suavizar a rigidez** que vinha enfrentando na prática docente. [...] um espaço desejado: um ambiente onde a educação seja menos burocrática e mais sensível.

*Ayana Dias, Memórias do processo 2ª edição, março de 2024*

# Suavizar a rigi







# 02

**nascente**

2<sup>a</sup> edição

Eram dias muito quentes,  
Na escola, o clima estava sufocante

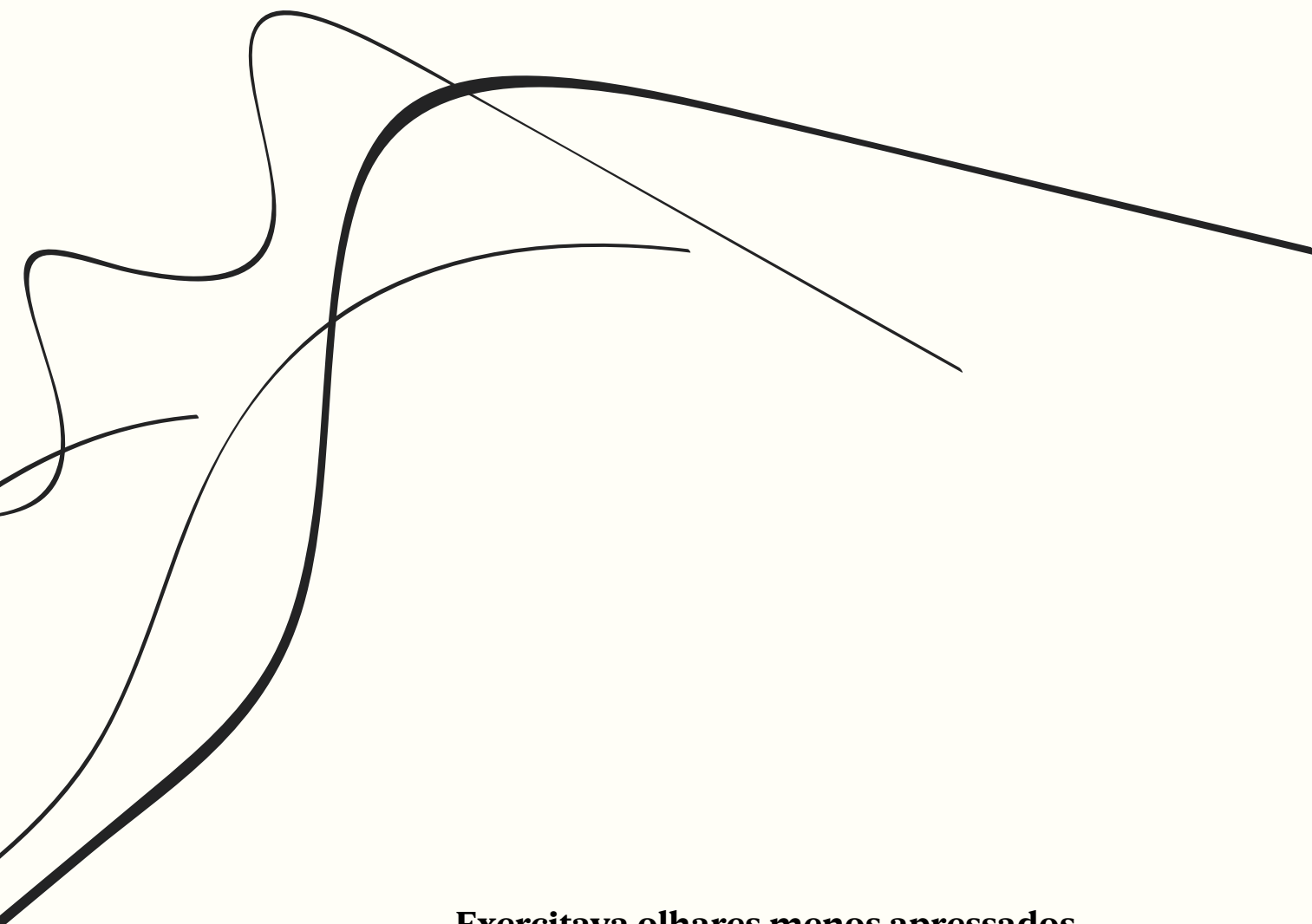
abafados mesmo

Eram dias muito quentes

Aí veio do MAR  
Na fresquinha do MAR, a **Escola do Olhar**  
Eram sábados arejados

A gente se encontrava

**Respirava**



## **Exercitava olhares menos apressados**

**No respiro renovado, sem culpa,  
naturalmente centrado em nossos alunos,**

**redirecionamos o foco,  
para nós mesmos.**

Estava posto: o professor se permitindo ser o  
centro na Escola do Olhar e revelar,  
numa instalação artística coletiva,

atravessamentos da profissão concebida nas trocas  
com os estudantes e suas famílias,

bem como nas memórias e afetos  
da convivência escolar.

# até aqui... e além

*Matheus Bizarrias*

Roteirista e Pesquisador convidado

Em 2022, no segundo ano do MAR nas Escolas, sabíamos de antemão que a força e as consequências do projeto a ser desenvolvido residia na sua construção presencial, coletiva e processual. Assim, mantivemos a proposta de ter o grupo como centro do processo criativo das atividades. A diferença desta edição foi que, ao invés de seguirmos com jovens moradores do entorno do Museu, formamos um grupo com professores da Rede Municipal de Educação do Rio. Dessa forma, os questionamentos e experimentos trazidos pela proposta motora do projeto, qual seja, investigar as possibilidades e pontes entre museu e escola, foram ampliados por outros caminhos e visões, pelos olhares e vivências de quem vive o cotidiano da escola pública.

Compuseram o grupo desta edição Amanda Vendramin, Ayana Dias, Bê Sancho, Geiza Carvalho, Lua Vicentini e Maria de Fátima.

Esse grupo foi acompanhado pelo trabalho de Jarbas Lopes, como artista plástico convidado, por Keila Zache, como coordenadora pedagógica, por Patrícia Marys e Priscilla Souza, idealizadoras e coordenadoras de conteúdo, e por mim, responsável novamente pelo roteiro audiovisual. Como o processo já estava um pouco mais amadurecido, chamamos essa série de encontros com os professores de “residência artístico-pedagógica”.

A proposta foi desenvolver e realizar, coletivamente, ao longo de todos os encontros, uma obra artística que, no final do processo, deveria ser apresentada ao público nos pilotis do Museu.

Novamente formamos um grupo engajado que, se já não tinham envolvimento com arte em seu trabalho no cotidiano escolar, tinham uma grande disponibilidade em compartilhar vivências e experimentar as propostas. Eram professores disponíveis, que nos primeiros encontros já construíram uma ligação profunda de grupo por meio do compartilhamento de vivências. Professores que tinham relação e práticas com contação de histórias, poesia, performance, artes visuais e que, de alguma forma, aplicavam isso às suas respectivas realidades em sala de aula, articulando arte às disciplinas que lecionam, como geografia, história, português, arte e inglês.

O processo de escrita do roteiro audiovisual continuou em cima do acompanhamento dos encontros e dos exercícios disparadores, ora propostos por nós, ora propostos pelos próprios docentes. Enquanto estudavam e experimentavam formas e possibilidades para se chegar à obra final, enquanto conversavam, debatiam, exercitavam visões e possibilidades artísticas, procurei observar falas, temas, discursos e vivências que se faziam comuns entre eles, no intuito de investigar uma unidade do grupo.

A partir dos elementos que atravessavam o cotidiano singular dos professores, e que eram reconhecidos e acolhidos pelo grupo, procurei chegar nos lugares de subjetivação desses sujeitos. Foi importante ouvi-los individualmente e perceber o que mais os interessava, com o que mais trabalhavam ou procuravam se aproximar artisticamente dentro da sala de aula. Descobri professores escritores, atores, poetas, contadores de histórias, artistas, PROFESSORES!

Alguns tinham textos lindos, escritas do cotidiano, trabalhos com artes visuais, sonoridades, vinham de formação em teatro... e tudo isso era jorjado nos encontros! O que fiz foi observar esses pontos de força, manifestações artísticas, adaptar um pouco e aplicar ao audiovisual no instante em que começaríamos as gravações.

Além de querer documentar o que fora compartilhado até então, queríamos um vídeo que desse conta da própria experimentação do processo e também das subjetividades que constituíam a força do grupo. A partir dessa observação e em diálogo com eles, propus algumas atividades e apresentações exclusivas para as gravações: que uma fizesse uma performance, que outro fizesse uma contação de história com um tema específico, por exemplo. E, dentro disso, e do que foi apresentado por eles mesmos até então, procurei costurar a narrativa do vídeo e de suas subjetividades com a proposta da obra que estava sendo desenvolvida coletivamente.

De todo esse processo e da particularidade do grupo formado, o que mais me faz recordar dos encontros é a sensibilidade e afetividade com a qual o grupo se dispôs a lidar com as propostas. A disponibilidade transformadora de compartilhar informações íntimas e descobrir esse sentimento no outro. A disponibilidade em escutar o outro, se sensibilizar pelo e com o outro, coletivizando as realidades subjetivas e trazendo à tona, pelo compartilhamento de vivências e experiências, a realidade social e política da rede pública de educação no Rio.

Assim, com uma estrutura sensível e engajada como essa, pude seguir no acompanhamento das atividades, desenvolvendo e amadurecendo cada vez mais o trabalho com a escrita processual do roteiro. Processo que, por um lado, requer paciência, escuta, participação, proposições para disparar diálogos; por outro, coragem para acreditar que vai dar certo. Porque, considerando a dimensão prática do cronograma do projeto, a verdade é que sempre começamos com uma espécie de sentimento: “será que vai funcionar?”. Quando, após tantos experimentos até aqui, a pergunta deveria ser: “o que encontraremos dessa vez?”.

Levo deste projeto muito carinho, ideias e, sobretudo, novas perguntas motivadoras para entender possibilidades futuras e debates necessários. Além da sensação de parecer infundável as possibilidades de experimentação fruto de um espaço onde o afeto, a coletividade e a subjetividade se fazem motores para criação.

... para sua profissão especializada, licenciatura, e até mesmo a mesma forma, expressão, efeito, intenção, gosto, que fazem do texto um texto e não um texto.

... prática escolar e esta realidade que se apresenta no texto, é o texto que é lido e compreendido, não o texto em si, mas o texto que é lido e compreendido.

... prática escolar e esta realidade que se apresenta no texto, é o texto que é lido e compreendido, não o texto em si, mas o texto que é lido e compreendido.

... prática escolar e esta realidade que se apresenta no texto, é o texto que é lido e compreendido, não o texto em si, mas o texto que é lido e compreendido.

- 1. O texto é lido e compreendido.
- 2. O texto é lido e compreendido.
- 3. O texto é lido e compreendido.
- 4. O texto é lido e compreendido.
- 5. O texto é lido e compreendido.
- 6. O texto é lido e compreendido.
- 7. O texto é lido e compreendido.
- 8. O texto é lido e compreendido.
- 9. O texto é lido e compreendido.
- 10. O texto é lido e compreendido.

... prática escolar e esta realidade que se apresenta no texto, é o texto que é lido e compreendido, não o texto em si, mas o texto que é lido e compreendido.



MAR nas ESCOLAS NO MAR

Realização  
ESCOLA DO OLHAR





# 02

**leito**

2<sup>a</sup> edição

[...] a verdade é que sempre começamos com  
uma espécie de sentimento:

**“será que vai funcionar?”**

Quando, após tantos experimentos até aqui,  
a pergunta deveria ser:

**“o que encontraremos dessa vez?”**

# escutar, escutar

*Patrícia Marys*

Gerente de Educação e Escola do Olhar

*Priscilla Souza*

Educadora de Projetos

A Escola do Olhar compreende o ato da escuta como território de conhecimento, onde a ação entre arte e educação faz o caminho para encontros, negociações, sonhos e projetos, na difícil tarefa do *fazer com, fazer parte*.

Não é à toa o desenho do Museu de Arte do Rio. É através da educação em seu campo simbólico e físico que acionamos diversos sentidos da arte, em um trajeto construído junto.

Levando essa máxima às últimas consequências, vislumbramos em nosso horizonte um museu-escola, onde a comunidade escolar não seja passageira nas ações, mas que esteja presente, permanente e protagonizando projetos, proliferando a presença de corpos e vozes e contribuindo para o verbo caro, importante para nós educadores: pertencer.

Nesse movimento, a Escola do Olhar iniciou em 2021 o projeto MAR nas Escolas, que em sua primeira edição promoveu uma residência artístico-pedagógica com alunos da rede pública de educação e que agora, em sua segunda edição, o faz com professores. Nosso desejo se fez em escutá-los. Escutar para provocar, escutar para experimentar, escutar para movimentar. Escutando nos permitimos afetar pelos ruídos e barulhos desses espaços-tempo não só através da mecânica do ouvir, mas escutar através dos diversos sentidos. Hoje, no entanto, o simples ato da escuta é revolucionário. Eis aqui uma chance.

E se experimentássemos? Esse foi o convite aos professores Amanda, Ayana, Bê, Geiza, Lua e Maria de Fátima. Quais inquietações os atravessam no fazer educar, no fazer arte? Vale salientar que quando usamos a palavra experimentar, nos referimos à entrega à experiência, mas também, dentro da mesma perspectiva que constitui o museu, nos referimos a aliar produções, agenciamentos e provocações de ordens subjetivas, estéticas, de acolhimento e, em última instância, de transformação social.

É preciso construir um modo de firmar-se no processo educativo sempre em curso – nunca fixo, nunca imóvel, sempre único – que acolha a constante invenção de cotidianos, que acolha, enfim, os afetos. Não ocupamos o museu e as escolas da mesma forma quando nos pomos a escutar.





Dar aula é um ato criativo. A sala de aula é viva, cíclica, mutante.  
Nunca se sabe o que vai se encontrar. Você vai com uma aula preparada e

**tudo muda de uma hora para outra.**

*Alessandra Ramos de Abreu, Memórias do processo 3ª edição, março de 2024*

## ROTEIRO PARA PEÇA AUDIOVISUAL MAR NAS ESCOLAS 2022

Título: **A arte como ponte entre a escola e o museu**

Roteiro: Matheus Bizarrias

INT. SALA DO MUSEU OU EXPOSIÇÃO DO JARBAS - DINÂMICA PROFESSORES

Em um espaço amplo do Museu, os professores estão sentados no chão. Um dos professores se levanta e segue para o centro do espaço onde começa a estruturar um objeto imaginário com as mãos.

Imagens dos 6 professores são apresentadas nessa cena.

EXT. ESCOLA MUNICIPAL

MARIA DE FÁTIMA, através de um DISPOSITIVO AUDIOVISUAL, apresenta seu espaço escolar no Rio de Janeiro.

UM PLANO da fachada da escola.

UM PLANO da porta da sala de aula de Maria mostra uma porta enfeitada.

UM PLANO ABERTO mostra uma sala de aula vazia, repleta de desenhos, artes e obras dos alunos expostas na parede.

MARIA DE FÁTIMA

Aqui é o meu espaço. Consegui, há alguns anos, ter minha sala como professora. Isso me possibilitou construir um lugar acolhedor. E sempre procuro, através dos trabalhos expostos, criar uma identidade no lugar, que tanto alimenta meus alunos, como a mim mesma. Porque tem isso, né: como nós professores também nos sentimos nos espaços em que estamos?

*Acesse o QR Code para assistir ao  
teaser e ao vídeo oficial.*



## INT. SALA DO MUSEU - RESIDÊNCIA

Imagens dos professores chegando e se ajeitando na sala. Em uma proposta reality, Keila e Jarbas refazem a fala com os professores sobre a proposta do MAR nas escolas desse ano.

KEILA

Estamos neste ano no Museu de Arte do Rio, com a proposta da residência artística com vocês, professores da Rede Municipal do Rio, para um objetivo comum: compartilhar vivências para que no final do projeto tenhamos uma obra elaborada por vocês nos pilotis do Museu.

JARBAS

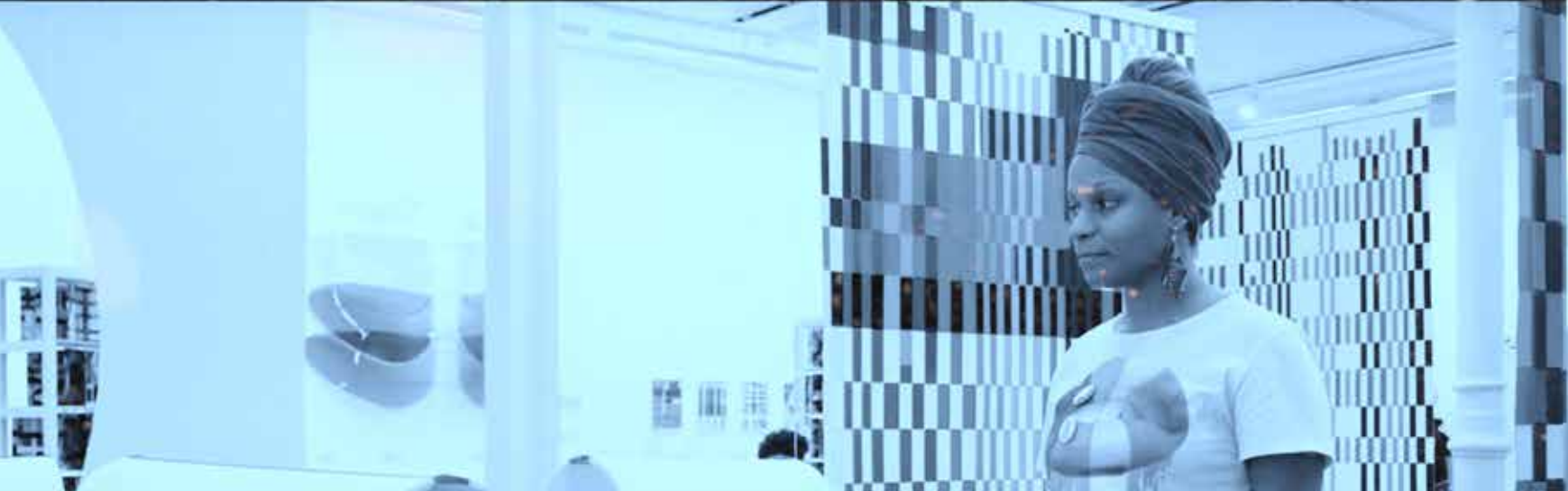
Nessa residência de 2 meses, a gente vai criar, pensar, viajar juntos e através da arte. Chegar tanto nesse lugar do que vamos expor nos pilotis, quanto o que vamos transformar na nossa relação com a escola após esses encontros. Como veremos transformados nossos processos de educação após nossas trocas de experiências e olhares?

Trecho retirado de roteiro realizado por Matheus Bizarrias, produtor audiovisual e roteirista da 1ª e 2ª edições do projeto MAR nas Escolas, criado a partir dos encontros, ações e produções de conteúdo dos professores-residentes Amanda Vendramin, Ayana Dias, Bê Sancho, Geiza Carvalho, Lua Vicentini e Maria de Fátima.

O roteiro deu resultado a uma peça audiovisual que conta o que foi a 2ª edição da residência artístico-pedagógica MAR nas Escolas.

A peça audiovisual foi exposta na instalação artística do projeto MAR nas Escolas de 11 de novembro de 2022 a 29 de fevereiro de 2023 nos pilotis do Museu de Arte do Rio.





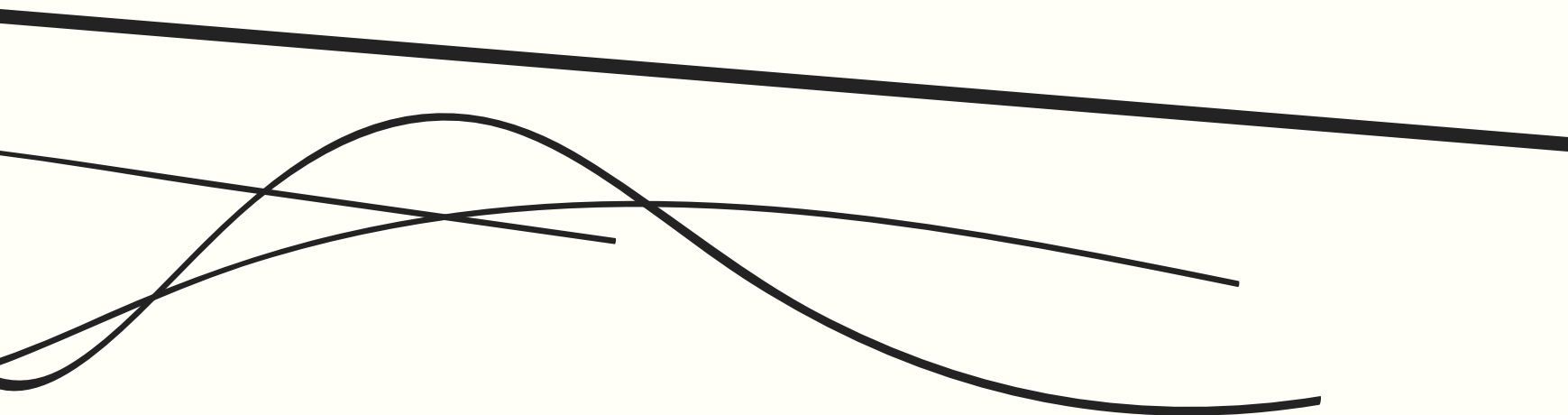




Quando ficou claro que a exposição seria montada a partir de materiais que havíamos coletado e das inquietações que sustentamos ao longo dos encontros, compreendi que

**o importante ali era o processo.**

*Geiza Carvalho, Memórias do processo 2ª edição, março de 2024*



## **A experimentação só é possível no agora.**

Porque, por mais que planejemos e tentemos adiantar em nossa cabeça algo para ser proposto em uma sala de aula, o ato criativo só existe no momento presente. Trazer as pessoas que estão envolvidas na escola e no processo educacional para o momento presente é uma missão muito complexa, mas necessária, e talvez a única ação capaz de criar o futuro desejado.

*Leonardo Leoni, Memórias do processo 3ª edição, março de 2024*

**MAR** nas

**ESCOLAS** no **MA**

Realização

ESCOLA DO OLHAR

# paisagens sonoras

É comum esperar que professores sejam sólidos – consistentes – e até rígidos. Ao mesmo tempo, que sejam compreensivos, éticos, exemplares, gentis, que tomem decisões difíceis em tempo rápido – e que acertem.

Como a experiência escolar é uma memória compartilhada por muitas pessoas, é comum idealizar como bons professores devem agir. Até, e principalmente nós mesmos, podemos cair neste equívoco.

Percebemos nosso trabalho muitas vezes como algo solitário: trata-se de estarmos “sozinhos” com nossas turmas, trazendo nossas expectativas, nossos planos e planejamentos.

Aqui, na residência MAR nas Escolas, estivemos em conjunto, e nos descobrimos humanos, falhos, cheios de desejos e afeto. Com vontade de mudar o mundo – seja o mundo em pequena ou larga escala – por sabermos que a educação muda as pessoas, mas muitas vezes questionando, da linha de frente, aquilo que vemos não funcionar.

Diante das adversidades que se apresentam a nós – lecionar na Rede Pública Municipal do Rio de Janeiro – nos entendemos hoje como pesquisadores que, junto aos nossos estudantes, pretendemos descobrir caminhos para que o conhecimento se construa em sala de aula, assim como fora dela. Juntos, e aqui, nos percebemos como muitos, e, portanto, menos solitários.

Abraçamos este olhar pesquisador e afetuoso, a ele unindo e acolhendo todo o nosso corpo, vivo e cheio de bagagens. Como aliados, nosso conhecimento técnico e o compromisso de seguir acreditando que a educação transforma e que é possível semear processos vivos nos quais a aprendizagem aconteça.

Como quem refloresta terra árida, reflorestamos possibilidades narrativas. Acreditamos não em dar respostas perfeitas, mas em fazer perguntas necessárias.

Aqui, te convidamos a ouvir nossas reflexões sonoras acerca de cinco perguntas. Uma para cada dia escolar, e cada uma para se desdobrar em memória, em pensamento, em dúvida, em reflexão.

Nos vemos na escola, ou em todo lugar.

*Amanda Vendramin, Ayana Dias, Bê Sancho,  
Geiza Carvalho, Lua Vicentini, Maria de Fátima  
Professores-residentes do Projeto MAR nas Escolas*



# O SOM DA ESCOLA

---

[Bom dia!]

[Bom dia!]

[Tudo bem com vocês?]

Qual é o som da escola?

O som da escola é um som que reverbera

Som

Som

Escutar

É o som do aluno que eu não escuto

Esse é o som que mais me incomoda

[O Moisés está aí gente?]

O vazio, o silêncio sem aquele som

Isso era muito estranho

O som da escola é o caos

É o som de que está tudo certo

Está tudo no lugar que deveria estar

[Partiu!]



# CO-MOVE

---

[Ela merece! Ela merece! Ela merece!]  
Deita o cabelo professora,  
agora livre e solto  
Entreafeto, finca raiz, desperta sementes  
De acordo com o dicionário, a palavra  
comover  
pode significar: mover fortemente,  
agitar, deslocar  
Encruzilhadas  
Mover sonhos  
Afetos  
Isso toca a gente, afeta a gente  
Deita o coração, neta de memórias  
olhos d'água  
Entreafeto, compartilha, acolhe e distribui  
O que me comove é o meu legado  
Com quem vai ficar minha história  
Memórias  
Onde eu estou com os meus,  
no meu espaço,  
no meu território  
São relações muito intensas  
entre  
os alunos,  
entre  
alunos e professores  
Deito o calcanhar atriz de sonhar com  
saltos catárticos

Eu sou professora e eu sou artista  
Sou professor-artista  
Professora  
Professores  
Ser professora  
E, de repente, por causa do trabalho exercido  
por esse professor, essa turma começa  
a se desenvolver  
Deita barriga amiga de doação e acolhimento  
O olhar do aluno, aquela procura do aluno  
por você, isso mexe muito comigo  
Eu gosto de conversar, de olhar no olho, de  
perceber o outro, de ouvir  
Me comove o próprio aprendizado  
Aprendo nos afetos partilhados  
Acredito muito na educação como  
ferramenta transformadora  
E eu acho que isso é grandioso  
Palavra que conforta  
Afetos  
Afetos  
Deito carinho  
Deito afetos  
Deito cuidado  
E segue

# PROFESSOR CHORA

---

[..., PRESENTE!]

[..., PRESENTE!]

[..., PRESENTE!]

[..., PRESENTE!]

[..., PRESENTE!]

[..., PRESENTE!]

[..., PRESENTE!]

[..., PRESENTE!]

[..., PRESENTE!]

[..., PRESENTE!]

Eu choro porque eu desejo muito, eu tenho desejos muito grandes

[..., PRESENTE!]

[..., PRESENTE!]

[Amarildo, PRESENTE!]

Será que o estudante que desapareceu estará lá?

Isso me faz chorar

Será que conseguirei falar, escutar, criar, sonhar?

O choro principal é esse: o da angústia  
Mas eu choro também quando eu ganho um abraço inesperado, como hoje  
Às vezes, na frente dos estudantes eu choro de emoção

E quando eles vieram me abraçar e me beijar e dizer “tia, não precisa chorar porque a gente está aqui”

Quando a gente percebe que aquilo que parecia caminhar para uma situação ruim, ela acaba florescendo, uma flor acaba

nascendo no asfalto

A gente não tem o poder de ensinar sem a participação do outro

A gente na verdade cria oportunidades para que a aprendizagem aconteça

E eu não estou falando de uma educação unilateral, não, onde só o professor fala como detentor de saber e os outros escutam

Eu não acredito nessa educação bancária

Eu acredito numa educação

baseada em trocas sim

Chora junto

Sozinha

A gente sorri muito também

A gente sorri até quando está chorando

A gente sorri nas pausas

Que com calma se recria a vida

Amanhã é outro dia

Isso me fez chorar

# ACABOU O RECREIO

---

[Podem descer, pessoal]

[Vai almoçar?]

[Vai almoçar?]

[Vai almoçar?]

É o momento que eu escolhi para almoçar com eles

[esse feijão está cheiroso]

E eu sei da importância da comida na escola

A nossa existência ela é válida, deveria ser válida, só por

ser, só por estar aqui

Eles vêm muito para a escola com a necessidade do en-

contro, da troca, de brincar, de se divertir

E o momento do pátio, de lazer, de ócio, não existe

Aquela ideia de recreio, de compartilhamento,

de olho no olho

Ela riu, ele riu, nós rimos

Acabou o recreio?

Acabou o recreio?

Deu dez e vinte, é hora do nosso recreio. Recreio esse

que nós não temos

Elas têm o horário de almoço que é de 15 minutos

Uma escola sem recreio é difícil

Eu nem estava sabendo

Só soube na reunião

Professores têm recreio?

Tem horas que a gente olha nos olhos, que a gente troca

um pouquinho, que a gente respira

Acabou o recreio?

# O QUE SONHA

---

O meu corpo é um corpo que enfrenta  
[Corpo]  
[Corpo]  
[Corpo]  
É um corpo que enfrenta  
[Atravessamentos]  
[Atravessamentos]  
[Atravessamentos]  
A violência desde muito cedo  
Que lida com as violências  
[Memórias]  
[Histórias]  
Um corpo de mulher, um corpo negro  
[Silêncio]  
[Que respira]  
E esse corpo é vivo  
Então é um corpo que fala  
Eu estou muito cansada  
[Cansaço]  
[Cansaço]  
[Cansaço]  
Eu estou cansada  
Essa é a barra  
É o corpo cansado  
Esse corpo cansado ele quer dar uma pausa  
para recomeçar, para dar continuidade ao ciclo  
Eu acho que o corpo cansado pensa em  
descansar numa esperança

[Esperançar]  
Talvez sonhar um dia em que a gente possa  
trabalhar e não se sentir tão cansada.  
A gente precisa aprender a voltar a ser  
Porque muitas vezes a gente acaba  
deixando de lado um pouco os nossos  
sonhos, porque eles se  
perdem em uma parte administrativa,  
burocrática.  
Talvez a gente sonhe em poder  
sonhar mais  
Porque até sonhar é difícil assim  
[Sonhamos]  
E eu gostaria que nós pudéssemos  
voltar a sonhar  
as nossas utopias  
Minha utopia não está só em mim  
Eu acho que a escola é um lugar  
muito rico para  
que nós sejamos e não só tenhamos  
O que eu sonho?  
Ai...  
[Mar]  
Eu sonho  
[Mar]  
Sonhos movem sonhos que movem nossos  
corpos cansados  
Enfim, eu sonho com muitas coisas e  
essas são algumas delas

As paisagens sonoras foram criadas por Keila Zache, coordenadora pedagógica da 2ª edição do projeto MAR nas Escolas, a partir da pesquisa de conteúdo e captação dos professores-residentes Amanda Vendramin, Ayaná Dias, Bê Sancho, Geiza Carvalho, Lua Vicentini e Maria de Fátima em suas escolas.

As paisagens sonoras estiveram expostas na instalação artística do projeto MAR nas Escolas de 11 de novembro de 2022 a 29 de fevereiro de 2023 nos pilotis do Museu de Arte do Rio.

*Acesse o QR Code para  
ouvir as paisagens sonoras.*



# ficha técnica - 2ª edição

## **REALIZAÇÃO**

Escola do Olhar

## **PROFESSORES-RESIDENTES DO PROJETO MAR NAS ESCOLAS**

Amanda Vendramin  
Ayana Dias  
Bê Sancho  
Geiza Carvalho  
Lua Vicentini  
Maria de Fátima

## **COORDENAÇÃO DE CONTEÚDO**

Patrícia Marys  
Priscilla Souza

## **COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA**

Keila Zache

## **ARTISTA CONVIDADO**

Jarbas Lopes

## **PRODUÇÃO AUDIOVISUAL**

Matheus Bizarrias

## **ROTEIRO**

Amanda Vendramin  
Ayana Dias  
Bê Sancho  
Geiza Carvalho  
Lua Vicentini  
Maria de Fátima  
Matheus Bizarrias

## **FILMAGEM E EDIÇÃO**

Wesley Prado

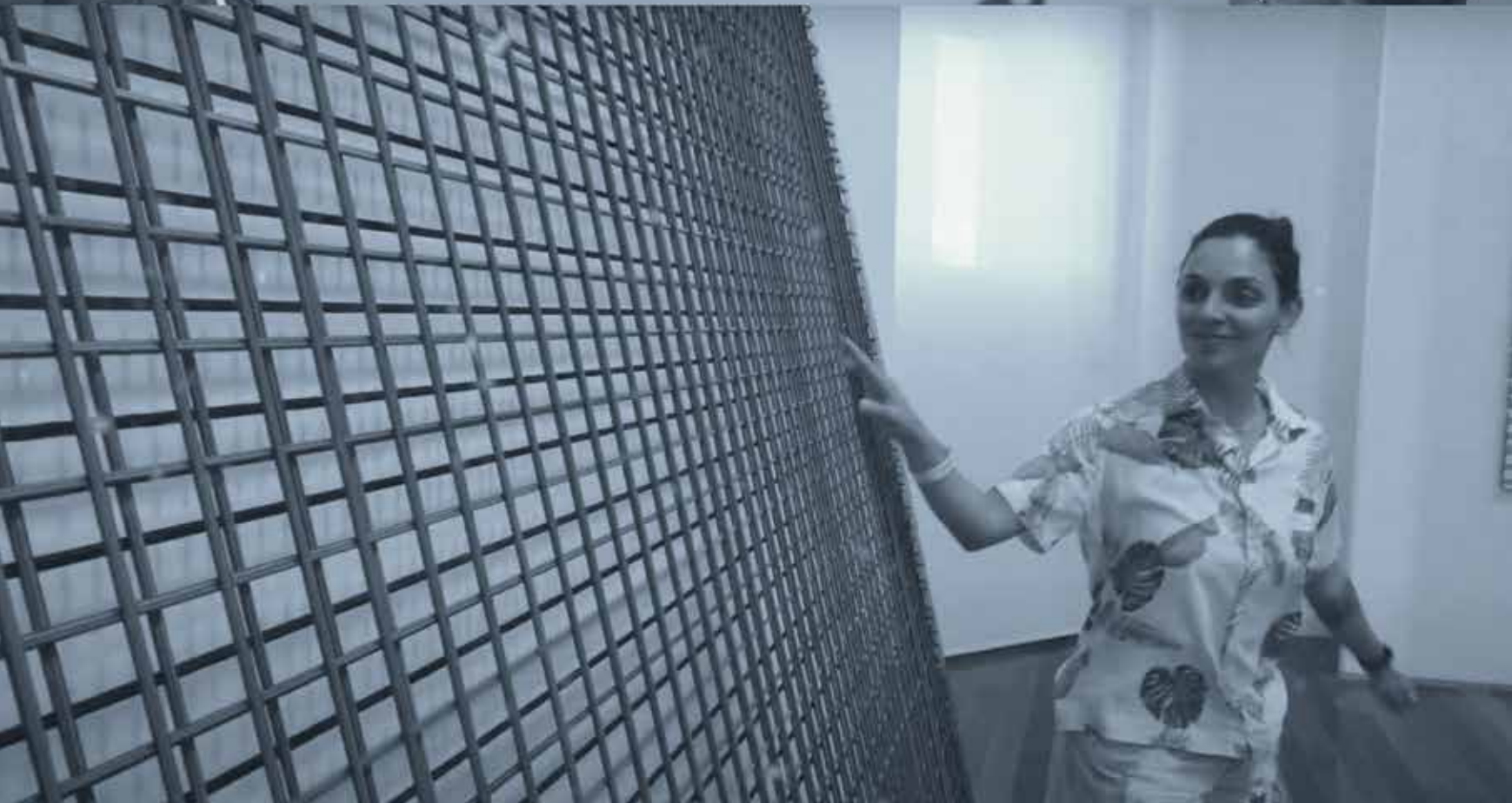
## **TÉCNICO DE SOM**

André Cavallo

A large, stylized number '02' rendered in a thick blue outline font, positioned in the background of the cover.

# confluência

2<sup>a</sup> edição







## **Para os professores pode ser difícil ter esperança por transformações.**

**A residência foi como um oásis para nós:** espaço para um valioso compartilhar de vivências, perspectivas, caminhos e ideias que nos possibilitou crescer individualmente e como grupo.

“Bonita” é uma das palavras que me vem à mente quando tento descrever essa iniciativa do MAR. No sentido poético, compreenda que a beleza toca, inspira, transforma e emociona então o corpo, que, por transbordamento, pode nos dar força para recomeços, para retornos.

O corpo do professor que volta à escola depois da residência é um cujo **olhar está renovado, afinal, esse passou pela Escola do Olhar;** escola que me ofereceu autoestima, valorização profissional, condições de trabalho e inspiração para criar.

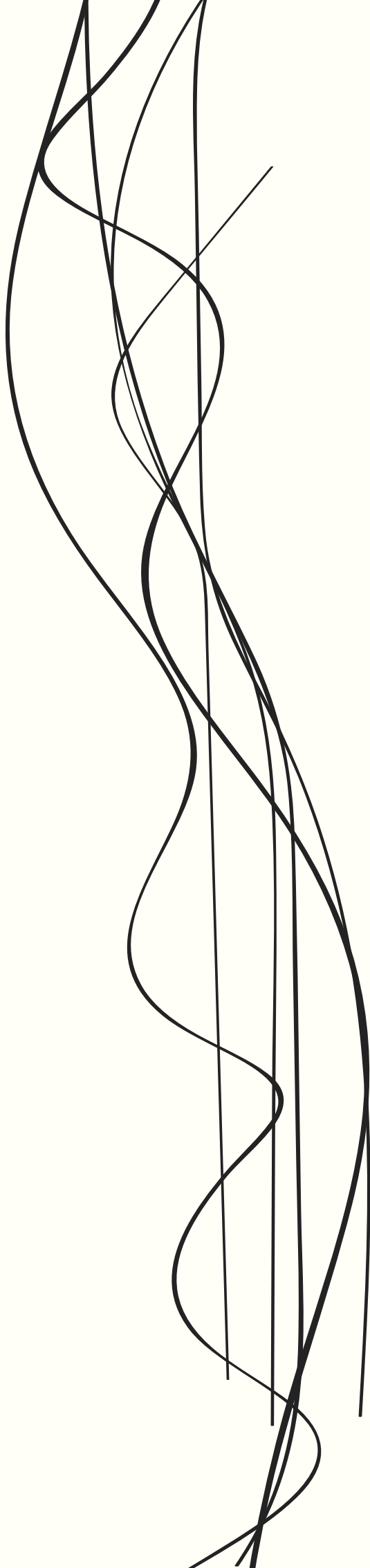
É gratificante poder dizer que o MAR (e nós) crescemos juntos.





**nascente**

3<sup>a</sup> edição



Olhar o céu. Sentir a terra. Cantar. Dançar.

Como nos ligamos aos territórios que somos?

Como sonhamos com eles o rio limpo pras gentes todas?

Alegria. Dores. Prosperidade.

O direito básico de acessar as águas sagradas.

Reflorestar nosso imaginário com sementes que já nos habitam.

Sermos os territórios.

Desaprender.

AprenderEnsinar.

Ser mestra com a generosidade de  
nossas ancestrais.

Olhar em volta e dialogar.

Nossas comunidades são tudo que é vivo.

Visível e invisível.

Nossos corpos contam histórias fundamentais  
às nossas sobrevivências.

Contam das pinturas, dos tecidos, do barro, da beleza  
que oferecemos ao mundo.

Criamos desde todos os tempos.



# arte e comunidade como ferramenta metodológica

*Alex Teixeira*

Roteirista e Pesquisador convidado

Quando me convidaram para integrar a equipe do MAR nas Escolas 2023, perguntei como seriam os encontros e seus respectivos desdobramentos. A resposta que recebi foi algo que na minha cabeça ressoou como: “serão encontros experimentais, com roteiro aberto, e que tem como referência os acúmulos das edições anteriores do projeto”.

Confesso que a ideia de um processo experimental me pegou demais. Patrícia, Rafael Dória (coordenador pedagógico) e eu começamos a desenhar as provocações para as primeiras trocas com os professores. Logo de pronto, percebemos que, entre as similaridades nas respostas dos educadores, aparecia sempre: as precariedades do sistema educacional público e as dinâmicas dos alunos dentro de sala de aula.

Reparamos, ainda, que o território pouco surgia em suas falas, e começamos a levantar algumas questões. Como eram os entornos dessas escolas? Que relações eles nutriam com as áreas externas aos complexos educacionais? Como eram seus deslocamentos casa-trabalho e, posteriormente, casa-MAR? De que forma esses territórios externos às escolas se manifestavam na corporeidade dos alunos?

A partir dessas discussões, iniciamos uma abordagem sobre as possibilidades do conceito de arte e comunidade como ferramenta metodológica para o desenvolvimento das nossas ações. A essa altura os professores já sabiam que como resultado final da residência artística eles iriam ocupar a sala expositiva na biblioteca na Escola do Olhar com uma espécie de instalação audiovisual.



Mas que conteúdos seriam exibidos? Que referências poderíamos buscar? Estávamos em um museu, num Museu que procura, em sua curadoria atual, refletir sobre a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Uma das respostas estava ali, no prédio anexo ao qual estávamos trabalhando. Fomos então visitar as exposições “FUNK: Um grito de ousadia e liberdade” e “Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros”. Diversos debates surgiram a partir de então, sobretudo relacionados a questões comunitárias num sentido mais ampliado. Tais discussões foram conduzidas por referenciais de arte e comunidade e teatro comunitário. Como coloca Hugo Cruz, “teatro e comunidade constituem-se como um campo próprio de ação e pensamento que privilegia a participação num processo de criação coletiva inspirada pelas identidades, histórias, culturas, tradições de pessoas e lugares que sustentam o desenho de uma dramaturgia e permitem uma projeção coletiva”<sup>1</sup>.

Essa projeção coletiva citada acima, nesta residência se refletiu em questões/provoações sobre direito à cidade, memória, o conceito de cidade partida e a disputa de diferentes imaginários culturais a partir da hibridização. Dá até para gente pensar no Canclini, quando ele define o conceito de hibridização como: “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”<sup>2</sup>.

Era exatamente isso o que estávamos propondo. Juntar professores da Rede Municipal de Educação do Rio de diferentes áreas, com distintas formações, num processo artístico heterogêneo, que teve como proposta a investigação/observação dos seus cotidianos na cidade, através de vídeos captados por eles, através de aparelhos que andam no bolso. Os tais celulares.

A ideia era o educador privilegiar mais o questionamento e a reflexão a partir do olhar, do que propriamente a manipulação dos materiais produzidos, entendendo as ferramentas da arte e comunidade como recursos metodológicos para a elaboração desses processos. O desdobramento, a partir de um processo de estímulos que durou dois meses, foi a instalação “Confluências – entre ruas, escolas e museus”, que apresentava rua, escola, afeto, repulsa, violência, prazer, mas acima de tudo, como escrevemos no texto de parede da exposição, “olhares comuns, de professores comuns, para uma cidade que não é o Rio vendido como cidade-espetáculo. É o Rio do artista ordinário, que pode estar na porta de uma loja do Saara anunciando uma oferta, ou vendendo capa para celular no calçadão de Bangu”.

---

<sup>1</sup> CRUZ, Hugo. *Arte e comunidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015, p. 42.



# OR

**leito**

3<sup>a</sup> edição

Quando me convidaram para integrar a equipe do MAR nas Escolas 2023, perguntei como seriam os encontros e seus respectivos desdobramentos. A resposta que recebi foi algo que na minha cabeça ressoou como:

**“serão encontros experimentais, com roteiro aberto, que têm como referência os acúmulos das edições anteriores do projeto”.**

# aproximar, distanciar borrar, rascunhar experimental

*Alex Teixeira  
Patrícia Marys*

Esses cinco verbos costumam os sons e as imagens presentes nesta instalação e nos conduzem a deslocamentos fronteiriços. Fronteiras essas entre o museu, que desde a sua concepção no século XVIII se estabeleceu como uma estrutura colonial e hierárquica, os saberes das ruas e os conhecimentos das escolas. Ao propor uma residência artístico-pedagógica com seis professores de diferentes licenciaturas da maior Rede Municipal de Educação da América Latina, a Escola do Olhar deseja contribuir com um debate urgente. A eliminação das fronteiras, mesmo que de maneira simbólica.

Sendo os museus instituições tradicionalmente balizadas na ideia de superioridade e que costumam ditar o que é arte e que tipo de objeto deve virar uma peça museal, nós, enquanto Museu de Arte do Rio, assumimos essa pendenga e propomos umas pedrinhas miudinhas nessa discussão. Com esse laboratório-instalação, sonhamos coletivamente em não separar vida e arte, professor de artista, conhecimentos populares de acadêmicos. O que nos instiga é a geleia, a mistura. Ao longo de dois meses, esses seis professores foram estimulados por uma equipe multidisciplinar a criar a partir da observação do cotidiano, dos territórios usados. Objetivamente, surgiram reflexões sobre as agruras e os desafios do que é viver no Rio de Janeiro, se locomover e trabalhar no ensino público.

Nesta instalação tem rua, escola, afeto, repulsa, violência, prazer, mas acima de tudo, olhares comuns, de professores comuns, para uma cidade que não é o Rio vendido como cidade-espetáculo. É o Rio do artista comum, que pode estar na porta de uma loja do Saara anunciando uma oferta, ou vendendo capa para celular no calçadão de Bangu, ou fazendo malabarismo em um sinal de Madureira, ou até mesmo empilhando pratinhos numa escola no Chapadão. Se o professor e o artista têm como objetivo promover a experiência e não criar um objeto ou passar informação, quem é quem? “O professor é, naturalmente, um artista, mas ser um artista não significa que ele ou ela consiga formar o perfil, possa moldar os alunos. O que um educador faz no ensino é tornar possível que os estudantes se tornem eles mesmos”<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. *O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social*. Petrópolis: Vozes, 2003.



[Os encontros] trataram de nos aprofundar ainda mais em nós mesmos.

Era um momento de troca, relaxamento, conexão, conversa, desabafo.  
[...] **De fato, confluímos.** Unindo os saberes de nossas práticas ao abraço e ao afeto, que intensificaram nossa confiança e vínculo com o passar das semanas.

*Jamilylly Monteiro, Memórias do processo 3ª edição, março de 2024*

# video performances & paisagens sonoras

Nos meses de setembro e outubro estivemos enredados em histórias, caminhos e encontros, num verdadeiro mar de encantamento e aprendizagem.

Fios, rios, memórias e encruzilhadas tornaram-se afluentes para discussões sobre diversas perspectivas de cidade e encontros. Encontros que produzem saberes e afetos, professores no museu e o museu na gente! Amamos tal experiência vivida, cada sorriso compartilhado e, às vezes, algumas lágrimas de felicidade ou de saudade. Foram momentos de partilha, de doação e de muito acolhimento. Professor também precisa de ombro, de abraço e de escuta.

E nesses encontros que a vida nos proporciona, sem saber o porquê, fomos nos conectando, entendendo melhor o outro e se reconstruindo, se refazendo. É nesse compasso que queremos partilhar com o público do museu os caminhos que passamos, o silêncio e os barulhos do nosso dia a dia.

O MAR nas Escolas nos reconectou com nós mesmos e com o outro, e assim, pudemos aprimorar nossas práticas em sala de aula. Vocês estão convidados a nos ouvir, ver e sentir.

*Alessandra Ramos de Abreu, Fernanda Madalena Fiuza,  
Jamilyly Monteiro, Leonardo Leoni, Monique Monah, Pâm Souza da Silva  
Professores-residentes do Projeto MAR nas Escolas*





# MAR

— Alex Teixeira, 2023

Em 2023, o projeto MAR nas Escolas chegou à sua terceira edição, transbordando as paredes do Museu de Arte do Rio e mergulhando nos atravessamentos da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, através das experimentações de seis professores da Rede Municipal de Educação do Rio. Ao longo de dois meses, Pâm, Leo, Alessandra, Jamilly, Fernanda e Monique passaram por uma série de estímulos suleados pelas noções de cotidiano, territorialidade, cidade, escuta, afeto, ritual, rotina e brincadeira. Esse processo foi friccionado pelas relações do que é ser um professor fora do espaço escolar. O professor consegue vivenciar outras personas no dia a dia ou ele está sempre ativo no modo educador? Difícil pergunta. E mais complexas ainda são as respostas. Nesse movimento, fazemos o convite a experimentar um tanto dessa cidade pulsante, de uma cidade que não necessariamente é o Rio dos cartões postais, mas um rio multicêntrico que exala as agruras e as delícias de viver nesse caldeirão que é forjado nas frestas e construído cotidianamente por alunos, professores, artistas, garis, médicos, por mim e por você. Um outro professor, Luiz Antonio Simas, costuma dizer que o Rio é uma cidade de grandes deslocamentos: a diáspora negra, o desterro de ciganos, judeus e portugueses pobres, migração de nortistas e nordestinos. E é por conta desses deslocamentos e atravessamentos que aqui estamos.

# DESCAMINHOS E VEREDAS

————— *Leonardo Leoni, 2023*

Todas as manhãs nos últimos quase 4 anos têm sido assim: despertar já exausto; cheiro de pasta de dente, sabonete, rexona, perfume e café disputando espaço pelos corredores de casa. Ração pro gato. Cafuné apressado. Chaves na mão. São duas voltas para trancar a porta e deixar para trás o conforto do lar. Elevador, botão G, garagem, torcida diária pro meu velho carro não resolver parar. Passo pelas grades que julgo me proteger, mergulho na rua e imediatamente me junto ao fluxo, ao bando, a mamada, a fila de engarrafados, buzinas e mais buzinas, promoções anunciadas em caixas de som, o ronco de centenas de motos que se esgueiram apressadas pelo corredor, cortina de fumaça e cheiro de queimado no ar. É a rapaziada queimando os fios que roubaram para extrair cobre. Quando a miséria dá as cartas, cada um se vira como pode. Ainda restam dez quilômetros pela frente, um Jacaré e uma Faixa de Gaza para atravessar. Casas de papelão à beira do rio, gente morando no lixo, cracolândias. Tudo isso ao lado de centenas de apartamentos novos e vazios. Como pode em um trajeto tão curto existir tanta desigualdade? O shopping, as escolas, as pessoas em sua caminhada matinal, centenas de crianças feito pardais indo pra gaiola com seus uniformes azuis e branco. Blitz, arrastões, cancelas, barricadas, milícias, território sitiado. Caminho contando o número de vezes em que me vejo sob a mira de um fuzil em um único dia. Estamos em guerra. Gargalhadas de metralhadora se misturam aos sons da manhã carioca. E eu rezo não sei pra quem, para que esse sorriso macabro não interrompa o percurso de vida de nenhum dos meus alunos.

# EM UM MAR DE COINCIDÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS: EU, NÓS E VOCÊS

————— *Alessandra Ramos de Abreu, 2023*

Ao anoitecer, chego em minha casa cansada, esgotada. Trânsito, pessoas, barulho, confusão. Apaga incêndio daqui, assopra de lá. Rotina. Acordo e ainda está de noite. No meu trajeto, uma ponte que divide as cidades de onde eu moro e de onde eu trabalho. Muitos carros, ônibus lotados, pessoas em pé, barulho, motos. Isso às 05h50 da manhã. Engarrafamento, ah, esse é crônico. Passo por várias ruas ainda desertas, poucas pessoas na rua indo trabalhar, indo para escola, pessoas em situação de vulnerabilidade em seus cobertores. Chego a Madureira. Percebo que esse lugar é completamente diferente. Quando eu chego, parece novo e, ao longe, a bateria tocando, pois estou perto do Império Serrano e da Portela. Ainda há poucas pessoas na rua também. Até parece que é assim... vou à academia ainda vazia também. A escola sem pessoas, apenas um prédio. Alguns minutos e todos vão chegando devagar. O tumulto, a gritaria: mais um dia. Alunos por todos os lados, responsáveis, barulho, muito barulho. Conversas. O dia a dia de uma escola. Na escola também temos alegrias, boa conversa, alunos com histórias de vida diferente, um conjunto de diversidades. Dá para escrever um livro por dia. Nessas diversidades encontramos tantas vidas, muitas pessoas que passam pelo nosso caminho e também passo pelo caminho delas. Levo comigo sempre que não ensinei muito, mas que aprendi muito mais. E assim, meus dias de semana passam, às vezes com leveza, às vezes com muito tumulto. Acima de tudo, com aprendizado e experiência. A vida como ela é. Parece que você vive tudo igual todos os dias, mas se engana. Em cada lugar que estou, deixo o melhor de mim e carrego o melhor deles. O dia a dia é difícil, sobrecarregado. Parece que estamos sempre enxugando gelo. Mas vem um novo dia, novas expectativas, novo recomeço. As energias se renovam. Trânsito, Barulho. Escola. Alunos. Conversa. Academia. A vida encontrando novas formas e jeitos. Seguimos.



# NO MEIO DO CAMINHO

— *Fernanda Madalena Fiuza, 2023*

Uma grande confusão, um grande encontro. São caminhos e percursos que me afetam e me atravessam. Afetam a minha essência, a minha raiz, os desejos e sentidos mais profundos. Poluição sonora e visual que me desconectam de mim, perturbam o pensamento, o corpo, o ouvido, os desejos. As altas temperaturas e o alto nível de estresse atravessam o meu caminho, o meu cotidiano. São sons, são tiros, é sangue, são acidentes. É asfalto, é avenida, é correria de gente que vive para correr e corre para viver. Me pergunto o porquê de estar ali. Me respondo que corro também. Tudo faz parte do movimento. Movimento do encontro. Movimento da vida. É a roda que não para. É o ciclo que se repete, se desfaz, se renova e se apaga nos corres do dia a dia. Bom mesmo é ser criança, é estar com as crianças, é se ver nos olhos puros da infância. Se for para escolher, prefiro olho ao retrovisor; prefiro grama ao asfalto; prefiro bicho à gente; prefiro água à coca; prefiro barro e artesanato; prefiro o mar e o chão. Sou coração e emoção, sigo em busca do encontro. Encontro com o natural, com o real e com o imaginário de cada criança. Criança essa que me aproxima de mim, da essência, do sonho e do futuro.



# SERPENTEAR

*Pâm Souza da Silva, 2023*

Numa noite dessas sonhei com a nascente lá da Escola. Eu podia sentir a água brotando, me admirava com seu brilho sob o sol e desejava com todo o meu coração saber que caminhos ela seguiria se pudesse descer livre rua abaixo. Imaginei como seria estar ali com as crianças descalças, molhando e experimentando a sensação das pedras escorregadias nos nossos pés. Aprender com as águas em meio a todo o concreto e ferro é um importante saber nesta cidade de águas tão abundantes. Nessa proximidade com o olho d'água, percebo que também sou ele, meu corpo-água. Uma professora rio junto dos outros rios que encontro pelo caminho. Rios jovens de sabedorias ancestrais, territórios de alegria e prosperidade que carregam em cada gota memórias de tempos antigos e não tão distantes. Memórias de vivência e sobrevivência. Foi assim que nós chegamos até aqui.

# CAMINHOS DA MONAH

————— *Monique Monah, 2023*

Pode uma pessoa gostar tanto de uma rua? Sim. A Rua Sacadura Cabral, minha rua, meu lar, meu refúgio, meu trabalho, minha diversão. Tudo acontece aqui na Sacadura Cabral. Algo que costumo falar em tom de brincadeira, mas que para mim tem todos os tons de verdade. Nela, minhas memórias se entrelaçam com o asfalto e os casarões que a compõem. Uma trama de vida e persistência que começou nos anos 80. Lembro-me daquela época, quando cheguei aqui, em meio à ocupação de um de seus casarões, as paredes desgastadas e os sonhos nascendo e renascendo. Uma comunidade forjada na luta e no desejo de transformação. Dali eu parti para não muito longe, em busca de horizontes. Mas o chamado da Sacadura Cabral era mais forte. Retornei. E essa rua, como um velho amigo, me recebeu de braços abertos. Minha rotina diária se desenrola nesse cenário único. O trabalho na Praça da Harmonia, no fim da rua, é o meu refúgio profissional. Lá encontra-se minha escola, bem ali no epicentro da Gamboa, onde as histórias se entrelaçam. Alunos que são vizinhos, filhos de amigos que se tornaram alunos e tudo se mistura de uma forma tão inextricável quanto os fios de uma tapeçaria. Mas é quando o sol se põe que a Sacadura Cabral ganha vida. E será que eu me transformo? Ou, de verdade, essa sempre sou eu? Festas, comemorações e eu, no epicentro de tudo, participando ativamente. Sou a anfitriã e a convidada. O músico e a dançarina. Essa rua é o palco onde minhas alegrias se apresentam e cada esquina é um camarim para minhas histórias. Seja na esquina, na barraca da Luana, na barraca da Aninha, no bar do Jorge ou até mesmo descendo um pouco mais, encontrando seus cruzamentos que me levam até a Pedra do Sal. Ah, e se o carnaval contasse histórias? Na verdade, ele conta e guarda boas memórias dessa rua, minha e de tantos outros. Esse mesmo percurso me leva até a arte e a cultura. Essa mesma rua me trouxe até aqui ao Museu do Mar. Mar de tantas vivências, trocas e aprendizagens. E assim minha vida pessoal e profissional se fundem nessa rua que é como uma extensão de mim. Cada passo que dou é um tributo a essa Sacadura Cabral, onde sou feliz, onde sou livre para ser eu mesma. Ela é meu território, meu coração batendo em pedra e asfalto. E é aqui, entre histórias antigas e novas aventuras, que encontro o significado da verdadeira felicidade.

# PASSOS DE CRIA

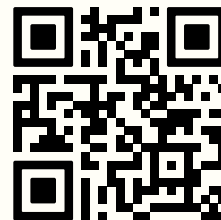
*Jamilly Monteiro, 2023*

Parafraseando Seu Jorge, “todo dia ela faz tudo sempre igual”. Acorda, acorda as crianças, se banha, banha as crianças, se arruma, arruma as crianças e sai para mais um dia de luta. O caminho é rápido, mas repleto de memórias. Da minha casa para a escola perpasso todos os meus passos de cria. Cria que corre de encontro a tantas crias outras, mostrando-lhes que sim, é possível. No Morro do Adeus foi onde me criei; no Morro da Baiana é onde vou diariamente deixar um pedaço de mim. No meio do caminho, a padaria de Seu Manel, lá no Largo, levando aquele cheirinho de pão e esperança irresistível para quem chega cansado após um dia de trabalho. Largo esse onde encontramos grande parte dos pequenos comerciantes locais, alguns já existentes desde os meus anos de menina e outros ainda novos nessa jornada. No mesmo largo, muita fé. São Jorge Guerreiro segue abençoando os filhos da Noguchi. Falando na Noguchi, que tem nome de doutor, mas pouca cura traz com seu asfalto comprometido, repartindo a Baiana e o Adeus, é a rua que nos leva até a Vila Olímpica do Alemão, na Grotá. Comunidade escolar da grande maioria dos meus alunos. Na vila tem riso, tem movimento, esporte, lazer e educação. Em meio a fala constante da rádio local, encontramos os comércios, alguns de alvenaria, outros de madeira. Eles seguem margeando os muros da vila até chegar ao mototaxi que leva do Buiufa até o alto do Morro do Inferno Verde. Subindo a Itararé, chegamos até o mototaxi da Central. Mais à frente, a entrada da Paranhos e um pouquinho mais à frente a subida para o acesso ao Morro da Baiana, desembocando na mesma rua onde se localiza minha escola. Essa mesma rua, Professor Lacé, vai ser muito samba e o orgulho da comunidade com a gigante Imperatriz que baila e embala sonhos de um carnaval que dorme tranquilo, mas que já está prestes a acordar. Para rotina invento força com luta e carinho. Me cerco dos sorrisos infantis de casa e da escola que me devolvem a fé de um jeito que parece juntar diariamente pedaços de mim mesmo e me ajudam a seguir sempre em frente. Cheiro de infância, correria, criança, sorriso, afeto. A menina cresceu, mas ainda é o mesmo o seu dialeto. Fé nas esquinas. Paro. Faço uma oração para que a favela sempre sorria. Meu lar, meu chão. Para onde leva o teleférico? Leva para a realidade de abandono. Quem é o dono do morro? Qualquer menina é o seu dono. Quero sorrisos e gargalhadas no lugar de tanto tiro. E um futuro lindo para os meus crias até meu último suspiro.

As paisagens sonoras foram criadas por Gabriela Nobre, a partir da pesquisa de conteúdo e captação dos professores-residentes Alessandra Ramos, Fernanda Fiuza, Jamilly Monteiro, Leonardo Leoni, Monique Monah e Pâm Souza da Silva.

As paisagens sonoras estiveram expostas na instalação artística "Confluências: entre ruas, escolas e museus" do projeto MAR nas Escolas de 18 de novembro de 2023 a 29 de fevereiro de 2024 no espaço expositivo da Biblioteca do Museu de Arte do Rio.

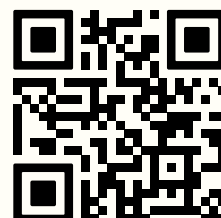
*Acesse o QR Code para  
ouvir as paisagens sonoras.*



As videoperformances foram dirigidas por Alex Teixeira e editadas por Wesley Prado, a partir da pesquisa de conteúdo e captação dos professores-residentes Alessandra Ramos, Fernanda Fiuza, Jamilly Monteiro, Leonardo Leoni, Monique Monah e Pâm Souza da Silva.

As videoperformances estiveram expostas na instalação artística "Confluências: entre ruas, escolas e museus" do projeto MAR nas Escolas de 18 de novembro de 2023 a 29 de fevereiro de 2024 no espaço expositivo da Biblioteca do Museu de Arte do Rio.

*Acesse o QR Code para  
assistir as videoperformances.*







O É A RUA





# um infinito de possibilidades

Rita Valentim

Educadora de Projetos

Camila Alves instigou: “E se experimentássemos mais?”<sup>1</sup> E a instalação “Confluências: entre ruas, escolas e museus” foi uma das respostas da Escola do Olhar. Uma residência para professores em um museu, que culmina em uma instalação-exposição que nos provoca a como criar uma experiência inclusiva e significativa em tempo recorde. E é preciso aqui agradecer à rede que contribuiu e mergulhou nessa proposta: a Inclusive Acessibilidade, a Angel Libras e a Companhia Som.

Depois de trabalhar na acessibilidade de algumas exposições, uma das novidades aqui foi planejarmos e criarmos os recursos enquanto projetávamos a instalação, tomando todos os cuidados possíveis para que todos nós estivéssemos acompanhando a imaginação um do outro nessa construção coletiva. Muitas explicações e esquemas desenhados, o compartilhamento de cada pedacinho da instalação conforme ela se construía e chegamos à montagem da sala respeitando os parâmetros para garantir a acessibilidade arquitetônica e uma engenharia tecnológica quase que coreografada para que a audiodescrição e a interpretação em Libras se apresentassem de maneira fluida e funcional numa instalação com áudio e sete vídeos separados e em looping.

Uma pessoa monitora para recepcionar os públicos e direcioná-los para os recursos de acessibilidade: um primeiro QR code com audiodescrição panorâmica da sala guiando para os outros QR codes, esses com a audiodescrição da videoperformance de cada professor, posicionados no mesmo local em cada televisão; a interpretação em Libras dos áudios da instalação no fundo da sala em QR codes com o símbolo da Libras, alinhados com a legenda de cada áudio e logo abaixo da caixa de som que emitia os áudios na parede em que o som vibrava mais – sendo todos os QR codes trabalhados com os pictogramas referentes ao recurso contido nele.

---

<sup>1</sup> ALVES, Camila Araújo. *E se experimentássemos mais?: contribuições não técnicas de acessibilidade em espaços culturais*. Curitiba: Appris, 2020.

Ainda assim – mesmo com o mergulho de cada equipe na pesquisa e estudo do material da residência para entregar o melhor trabalho entre o design, a audiodescrição e libras – poderíamos mais?

Convidamos a diretora Clara Kutner com sua Cia. SOM para uma das ativações previstas para a instalação. Em uma de nossas primeiras conversas, Clara resumiu o espetáculo como: “o Movimento de Escuta é sobre comunicação, sua importância e seus problemas”. A partir do diálogo da produção dos professores com o espetáculo “Movimento de Escuta”, fui provocada a refletir: e a escola escuta a rua? Como a arte poderia contribuir para ampliar essa escuta dos professores? E como poderíamos levar essa provocação para a instalação que já recebia o público?

Clara se debruçou sobre esses questionamentos e me trouxe ainda muitos outros (que ainda serão respondidos!). Em meio à sua trajetória no cinema e na dança, Clara vem desenvolvendo, há anos e em diferentes projetos, sua pesquisa no campo da performance e da dança construídas com pessoas surdas. Com o conhecimento acumulado ao longo da pesquisa e com a colaboração dos bailarinos e de outros profissionais da música na criação de “SOM, uma coreografia para surdos”, chegam à construção de uma instalação vibratória: “Nessa imersão descobrimos mais um sentido corporal, a sensibilidade via háptica, através da pele. Criei no INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos), em um workshop, um grupo grande de jovens surdos que começaram a dançar ali naquele momento. Juntos e a partir desse grupo nasceu a Cia. SOM e a série de videodança JÁ! em 2021. O INES é uma escola que tem papel fundamental para a cultura surda no Rio. Lugar de encontros” – conta Clara Kutner.

Em diálogo com essas experiências, propusemos para ativação uma roda de conversa trazendo questões sobre a cultura surda, a cidade e como a experimentação artística pode alimentar a experimentação pedagógica. E o questionamento recorrente durante a residência aparece novamente entre professores surdos e ouvintes: pode o professor ser artista? Podemos ser artistas enquanto educadores ou as perspectivas se atravessam de forma a nos obrigar a estar em um só lugar?

Os bailarinos do espetáculo Movimento de Escuta – Alef Felipe, Lucas de Lima, Luiz Augusto e Thayssa Vitória – participaram também da conversa trazendo suas próprias experiências educacionais e o papel da arte em suas formações, o que foi muito enriquecedor levando em conta que eles vieram do INES. Alguns professores do Instituto também estavam presentes e puderam perceber o impacto que a arte provocou em seus alunos. Claro que depois de tanta conversa sobre um espetáculo de dança, os artistas trouxeram uma performance para o público dentro da instalação Confluências. Essa contou com alguns trechos do espetáculo e coreografias originais criadas a partir da provocação que o trabalho dos professores residentes do MAR nas Escolas causou nos artistas. O público (literalmente!) vibrou com os bailarinos na instalação com os batimentos cardíacos que dão início à vida, indo para experimentações sobre o caminho que os levou até o Museu e terminando com o Funk – a musicalidade das ruas cariocas que mobilizou o corpo dos bailarinos e reverberou no público que foi transportado pelo movimento diretamente do Museu para as ruas do subúrbio trazidas nos vídeos da instalação. Afinal, “o maior museu do mundo é a rua!”.

Neste Museu de novidades cariocas, a inclusão não está feita, mas sendo constantemente construída no ritmo do Movimento de Escuta, experimentando com e dançando juntas. Por fim, uma instalação toda planejada por uma equipe de educação nos deu a chance de experimentar nossas próprias propostas para outras áreas, quebrar a cabeça para resolver nossos dilemas e terminar com desejo e a sensação de que podemos ainda mais. A rua ensina e num projeto que dialoga tanto com ela, não poderia ser diferente.



EDOR

ALGEM



**CONCEPÇÃO E PESQUISA**

Patrícia Marys  
Alex Teixeira

**COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA**

Patrícia Marys  
Priscilla Souza  
Rafael Dória  
Guilherme Carvalho

**ARTISTA CONVIDADO**

Cansado da Internet

**DIREÇÃO E ROTEIRO DAS VIDEOPERFORMANCES**

Alex Teixeira

**PROFESSORES-RESIDENTES DO PROJETO NAS ESCOLAS**

Alessandra Ramos de Abreu  
Fernanda Madalena Fiuza  
Jamilly Monteiro  
Leonardo Leoni  
Monique Monah  
Pâm Souza da Silva

**FILMAGEM E EDIÇÃO**

Wesley Prado

**PAISAGENS SONORAS**

Gabriela Nobre

**PROJETO EXPOGRÁFICO**

Amanda Costa

**CENOTECNIA**

Anderson Dias

**ACESSIBILIDADE**

Rita Valentim  
Angel Libras  
Inclusive Acessibilidade

**COMUNICAÇÃO**

Marcelo Henrique Andrade  
Renata de Almeida  
Priscilla Casagrande



## **DESIGN GRÁFICO**

João Gabriel Peixoto  
Bárbara Monteiro  
Bernard Gotelip

## **PLOTAGEM E SINALIZAÇÃO**

Ginga Design

## **ILUMINAÇÃO**

ART e Luz

## **EQUIPAMENTOS AUDIOVISUAIS**

Linha D Montagem

## **TÉCNICO DE SOM**

André Cavallo

## **EQUIPE ESCOLA DO OLHAR**

### **GERENTE DE EDUCAÇÃO**

Patrícia Marys

### **EDUCADOR DE PROJETOS**

Robnei Bonifácio  
Priscilla Souza

### **ANALISTA DE EDUCAÇÃO**

Rita Valentim

### **ASSISTENTE ADMINISTRATIVO**

Luciana Nepomuceno

### **PRODUTORES**

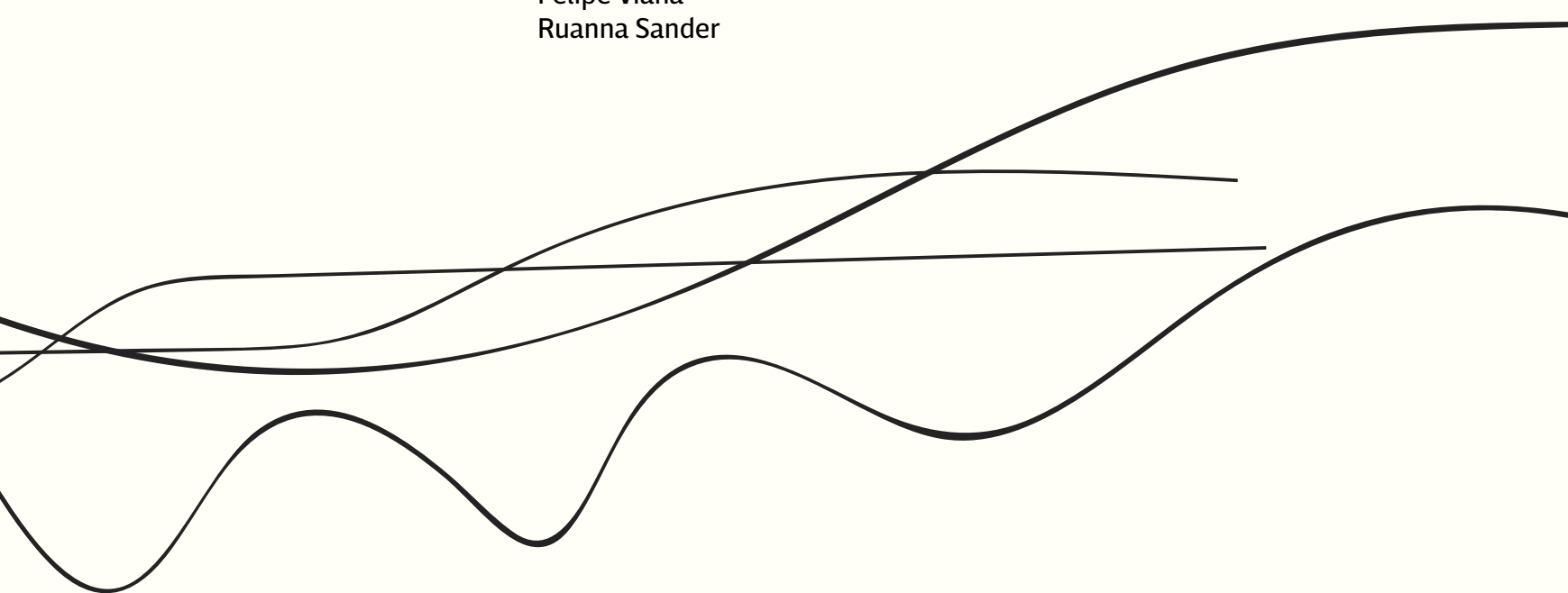
Felipe Viana  
Ruanna Sander

## **BIBLIOTECÁRIAS**

Karen Merlim  
Nara Campos

## **EDUCADORES**

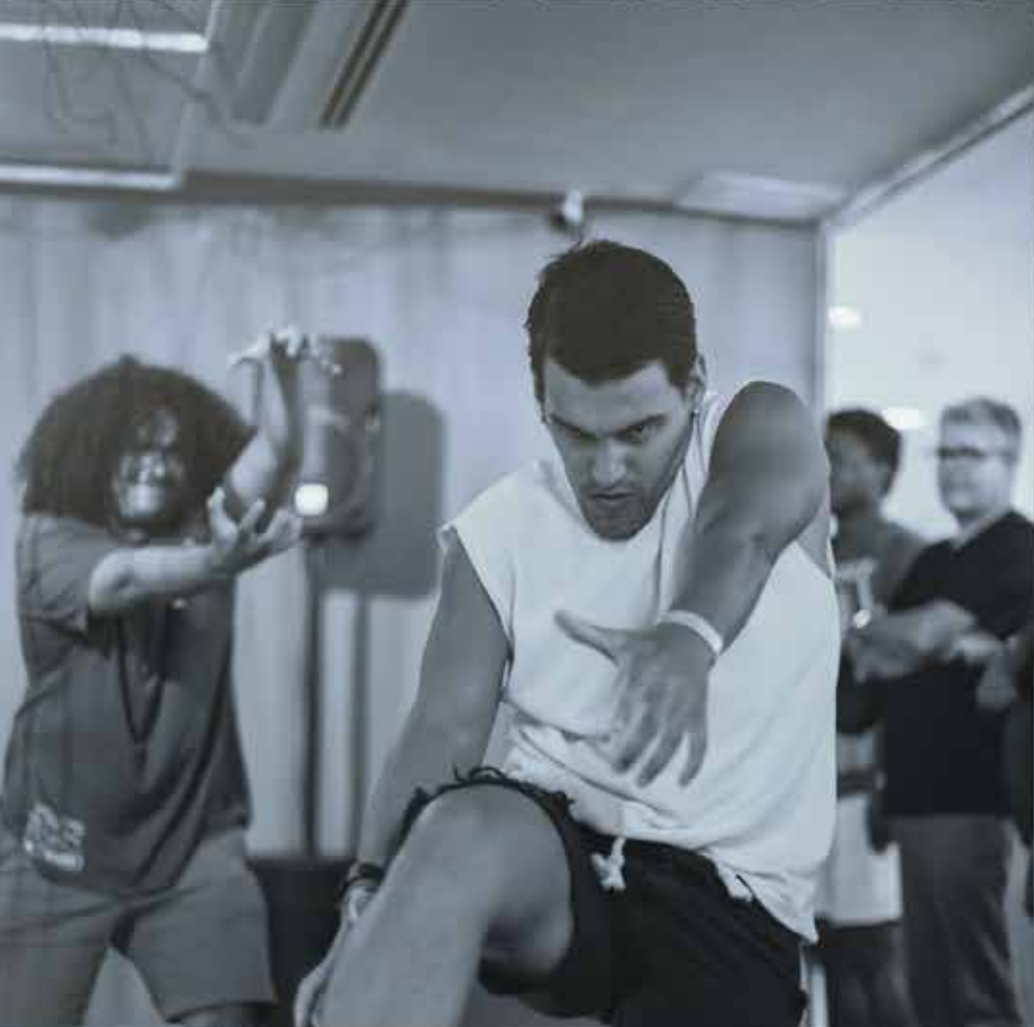
Daiani Araújo  
Guilherme Carvalho  
Misael Lima  
Tatiana Paz





# confluência

3ª edição







*Acredito que a potência do MAR nas Escolas*

**está na força**

# de ser confluência

*em que a cada passo à frente,  
sentimos não ter a menor certeza  
de onde vamos parar,  
porque o mais importante é  
mirar na certeza de que*

**seguimos construindo.**



# reminiscências do processo

*Clara Kutner*

Atriz, bailarina e diretora da cia SOM

Hoje, terça, voltando a sair na rua de máscara após a Covid de carnaval, pensando sobre a instalação do MAR e a minha fala de sábado, fiz um caminho da minha casa ao meu último endereço fixo de trabalho.

São apenas 3 quarteirões entre os dois pontos, um arco pequeno de tempo-espço. Dez minutos no relógio! Dez minutos no relógio pode ser um tempo infinito para a imaginação.

Mas não. O que aconteceu foi bastante concreto. Notei que levo na minha caminhada meu olhar fixo e reto para o meu objetivo. Senti que meu corpo ao sair da praça em que vivo e ao entrar na avenida principal do meu bairro se transformou. Notei uma rápida correção na coluna e uma tensão nas mãos. Que espaço é esse que nos ameaça, nos automatiza e nos esfria? Sim, me sinto uma pedra de gelo em busca da minha geladeira protetora (casa ou trabalho). Todas as noites ao lado do portão da minha casa uma patrulhinha estaciona por algumas horas e a luz vermelha da sirene é sempre ameaçadora pela janela...

Os professores que criaram a instalação sobre a qual conversamos partiram das seguintes palavras-chave para realizarem seus trabalhos: cotidiano – territorialidade – cidade – escuta – afeto – ritual – rotina – brincadeira. E eu agora pergunto: do que é feito nosso caminho? O que nos afeta? Assistindo aos vídeos e escutando os áudios da instalação, sinto que em comum todos refletiram sobre o prazer e a dor de ser parte desta cidade.

Cidade de São Sebastião, cidade protegida por ele, Oxóssi na umbanda, cidade dos rituais, da espada de São Jorge que purifica o ar. Cidade de arcos longos e grandes distâncias. Rio, uma cidade que todos os dias nos acolhe e nos repele. Um convite ao amor e ao ódio, uma cidade pra lá de complexa em que muitos trabalhos precisam ser criados e feitos por muitos artistas-professores para dar conta, talvez, dessa paisagem em que vivemos.

Viva o MAR!

Diz um poema bonito que me faz pensar enquanto caminho: “Ainda nos resta a vida, com tudo o que é insolvente e provisório e ainda tens uma saída: entrar no acaso e amar o Transitório”...



# ativação

*Ayana Dias*

Professora residente do Mar nas Escolas 2ª edição

Esta ativação foi resultado das investigações realizadas na residência artístico-pedagógica MAR nas Escolas de 2023 com a colaboração de professoras e professores residentes do projeto da edição anterior. Eu e a professora Lua Vicentini, residentes em 2022, fomos convidadas pela equipe da Escola do Olhar para atuarmos como palestrantes na residência de 2023 e levarmos provocações a respeito de uma das perguntas que nos inquietou ao longo das vivências da nossa edição: “pode o/a professor/professora ser um sujeito?”.

Durante os encontros da nossa residência, percebemos que era preciso olhar para o/a professor/professora levando em consideração a sua subjetividade. Ou seja, era importante buscar um lugar de protagonismo onde cada um pudesse se perceber a partir de suas humanidades e das questões que atravessam o seu fazer profissional e pessoal. Partindo dessa inquietação, realizamos uma dinâmica com os/as professores/professoras residentes em 2023 que deu origem a atividade que realizamos na ativação.

Buscando comungar o diálogo entre as linguagens investigadas nas duas residências, elaboramos algumas temáticas que guiaram esta experiência, são elas: a) percurso casa-escola; b) que estudante você foi?; c) a escola; d) profissão professor/professora; e) professor/professora que marcou a sua vida. Nesta atividade, cada professor/professora residente leu três frases de cada uma das temáticas mencionadas e, em seguida, locomoveram-se pelo espaço até um dos cinco triângulos desenhados no chão. Cada triângulo continha uma resposta – “concordo plenamente”; “concordo”; “concordo parcialmente”; “discordo”; “discordo completamente” – onde o/a participante posicionava-se dentro do triângulo que melhor correspondia à sua opinião em relação às frases que eram lidas.

Após essa atividade, convidamos os/as participantes a deixar registrado, no mural da exposição, uma homenagem a algum/alguma professor/professora que tenha sido importante na sua trajetória.

Fiquem à vontade para fazer o registro que desejarem.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

# dos jogos (d)e confluências

Guilherme Carvalho  
Educador Pleno

Esta é uma conversa entre Priscilla Souza, educadora de projetos, e Guilherme Carvalho, educador pleno da Escola do Olhar. Enquanto esperavam o início da ativação da Ludoteca MAR, localizada na biblioteca do Museu, eles olhavam para o espaço expositivo e lembravam da ativação de “Confluências” pelos professores-residentes.

— *Começo eu ou começa você?*

— *Pode começar. Deixa que eu arrumo as peças.*

— Interessante a escolha dos materiais para a ativação dos professores na exposição Confluências, né.

— Sim! Foram materiais bem comuns de serem encontrados nas escolas. *Me passa aquela peça, por favor.* A maioria já tínhamos aqui na Escola do Olhar.

— Sério? Alguns professores trouxeram de suas casas, nem toda escola tem esses materiais, eu acho. Mas deveriam ter mesmo! *Essa peça aqui?*

— *Sim, essa mesma.* O que eu acho legal nos dispositivos, é essa transformação de um ou mais objetos cotidianos, quase banais, em instrumentos provocadores, né. Podemos falar que essa ativação é um dispositivo artístico-pedagógico, certo? *Só mais essa peça aqui e já podemos começar.*

— Sim, são dispositivos! Eles cumprem esse papel, né, de startar, de iniciar uma conversa. Nesse caso, eles estão começando um diálogo a partir de provocações. Afinal, qual seria a sua reação ao entrar em uma exposição e se deparar com isso que os professores fizeram? *Tudo pronto, posso começar?*

— *Pode sim!*

— Quando você chegou aqui no Museu, em 2018, nós, educadores, estávamos conversando justamente sobre a natureza dos dispositivos. Foi um processo coletivo de análise e discussão para a construção da publicação, lembra? *Vou começar devagar.*

— *Boa jogada! Arriscada, mas boa.* Lembro sim. Assim que eu entrei aqui eu me debrucei sobre alguns dispositivos, o “Proibido em Baralho” foi um deles, os educadores utilizavam bastante ele. Para a publicação sobre os dispositivos artístico-pedagógicos<sup>1</sup>, eu escrevi um relato de ativação dele, com um grupo de crianças na exposição “Samba: Resistência e Reinvenção”. Lembro até hoje daquela visita, muito por causa do uso desse dispositivo. *E se eu fizer assim... não, melhor eu não arriscar com essa jogada agora. Sua vez.*

— E o que os professores fizeram em “Confluências” me lembrou o “Proibido em Baralho”, não acha?

— Sério? Você achou parecido?

— Sim! Esse caráter provocativo, em que o visitante entra em uma exposição e se depara com elementos que se confundem com o espaço. “Será que é da própria exposição!?” Na ativação eu vi alguns rostos com exatamente essa expressão. *E se eu colocar essa peça aqui...*

— *Ei! Essa peça não pode fazer isso!* Eu relatei muito mais essa ativação dos professores com o dispositivo “Crônicas em Caixa”. Por ter esse caráter narrativo que, ao mesmo tempo em que os participantes se movimentavam pelos espaços demarcados no chão, a história também era movimentada. Seja pelos professores que instigavam o público a partir de provocações, ou pelos participantes que agregavam ao jogo com suas histórias pessoais, ao longo de toda ação ficava claro que estava ocorrendo uma partida.

— Você disse “jogo”? “Partida”?

— Sim. E eu poderia ter dito “tabuleiro” ao invés de chão. Foi o que eles fizeram: transformaram a exposição em um tabuleiro. Literalmente havia casas demarcadas no chão.

— *Como não posso mexer essa peça assim?* E, como assim a ativação era um jogo de tabuleiro?

---

<sup>1</sup> PUCU, Izabela; NICHOLS, Natalia; ZACCA, Rafael (org.). *Dispositivos Artístico-Pedagógicos*. Rio de Janeiro: Instituto Odeon, 2019.

— *Essa peça só anda para frente.* Como assim? Os professores usaram fitas adesivas, papéis, giz, materiais que eles encontram facilmente nas escolas, pois a ideia é que essa ativação também possa ser feita em sala de aula. No xadrez, o peão só “come” a peça adversária andando para frente. Em diagonal para frente. E essa dinâmica de apresentar uma questão e fazer com que os participantes respondam ao se locomover pelos espaços demarcados no chão com respostas afirmativas ou negativas e suas modulações (muito, pouco, sempre, às vezes, etc.) lembra muito uma brincadeira, um jogo mesmo. Era possível, até, criar uma tabela a partir do censo das respostas de cada grupo.

— Espera... acho que não estamos falando da mesma ativação. E, peão!? Xadrez!? Acho que nem estamos jogando o mesmo jogo!

— Eu gosto de pensar que as exposições são narrativas inacabadas. As frases estão ali, embaralhadas à disposição para que as histórias sejam criadas. A curadoria lhe propõe um caminho a seguir: você pode optar por “ler” essa história em terceira pessoa; ou você pode se colocar nela, reorganizar as obras em novas frases, criando uma narrativa pessoal.

— Para mim, eu estava jogando Damas!

— E poderíamos estar! Em um mesmo tabuleiro é possível jogarmos Damas e Xadrez. Com um mesmo baralho há dezenas de jogos possíveis. E o chão de exposição também é possível ser transformado em um tabuleiro para diversos jogos, diversas ativações, como os professores fizeram. Na mesma Confluência, possibilidades diversas de leitura. Se a ideia era trazer um pouco das escolas para o MAR, essa multiplicidade de caminhos e vivências inerentes ao espaço escolar vieram junto. Num mesmo tabuleiro podemos jogar jogos diferentes, mas, na próxima vez, vamos combinar qual deles vai ser, para que possamos partir de um mesmo ponto. Combinado?

— Combinado!

— Beleza! *Agora arrume o tabuleiro que eu vou começar!*









# créditos finais

## **ORGANIZAÇÃO**

Patrícia Marys  
Raquel M. Carriconde  
Giulia de Vito

## **AUTORES**

Alessandra Ramos de Abreu  
Alex Teixeira  
Amanda Vendramin  
Ana Paula Alves Ribeiro  
Ayana Dias  
Bê Sancho  
Clara Kutner  
Fernanda Madalena Fiuza  
Geiza Carvalho  
Guilherme Carvalho  
Jamilly Monteiro  
Leonardo Leoni  
Lua Vicentini  
Maria de Fátima  
Matheus Bizarrias  
Monique Monah  
Pâm Souza da Silva  
Patrícia Marys  
Priscilla Souza  
Rita Valentim

## **PRODUÇÃO EDITORIAL**

Locomotora Produções

## **REVISÃO**

Coletivo Paraponera:  
edição e revisão de escritas

## **DESIGNER GRÁFICO**

João Gabriel Peixoto

## **FOTOGRAFIAS**

Beatriz Gimenes  
Douglas Dobby  
Wesley Sabino

## **IMPRESSÃO**

WSM Gráfica



**Organização dos Estados Ibero-Americanos (OEI)**  
**Organización de Estados Iberoamericanos (OEI)**  
**Organization of Ibero-American States (OEI)**

**Museu de Arte do Rio**  
**Museo de Arte de Río**  
**Rio Art Museum**

**Mariano Jabonero**  
Secretário-Geral da OEI  
Secretario General de OEI  
General Secretary of OEI

**Raphael Callou**  
Diretor-Geral de Cultura da OEI  
Director General de Cultura de OEI  
General Director of Culture of OEI

**Rodrigo Rossi**  
Diretor e Chefe da Representação da OEI no Brasil  
Director y Jefe de la Representación de la OEI en Brasil  
Director and Head of the OEI Representation in Brazil

**Sandra Sérgio**  
Diretora Executiva do MAR  
Directora Ejecutiva del MAR  
Executive Director  
Coordenadora Nacional de Projetos Especiais da OEI no Brasil  
Coordinadora Nacional de Proyectos Especiales de la OEI en Brasil  
National Special Projects Coordinator in Brazil

**Gabriela Castilho**  
Coordenador-Geral de Administração  
Coordinador de Administración General  
General Administration Coordinator

**Amira Lizarazo**  
Coordenadora Nacional de Administração e Finanças  
Coordinadora Nacional de Administración y Finanzas  
National Administration and Finance Coordinator

**Lícia Moura**  
**Luiz José da Silva**  
Gerentes Nacionais de Administração  
Gerentes de la Administración Nacional  
National Administration Managers

**Telma Teixeira**  
Gerente Nacional de Implementação  
Gerente Nacional de Implementación  
National Implementation Manager

**Fábio Ferreira Mendes**  
Gerente Nacional de Tecnologia  
Gerente Nacional de Tecnología  
National Development Analyst

**Marcelo Campos**  
Curador Chefe  
Curador Jefe  
Chief Curator

**Amanda Bonan**  
Gerente de Curadoria  
Gerente de Curaduría  
Curatorship Manager

**Andréa Zabrieszach dos Santos**  
Gerente de Museologia  
Gerente de Museología  
Museology Manager

**Carla Cal**  
Gerente de Relações Institucionais e Eventos  
Gerente de Relaciones Institucionales y Eventos  
Institutional Relations and Events Manager

**Marcelo Henrique Andrade**  
Gerente de Comunicação  
Gerente de Comunicación  
Communication Manager

**Matheus Silva**  
Gerente de Planejamento e Projetos  
Gerente de Planificación y Proyectos  
Planning and Project Manager

**Patrícia Marys**  
Gerente de Educação e Escola do Olhar  
Gerente de Educación y Escola do Olhar  
Education and Escola do Olhar Manager

**Stella Paiva**

Gerente de Produção  
Gerente de Producción  
Production Manager

**Alan Martins**

Analista Financeiro  
Analista de Finanzas  
Financial Analyst

**Alverindo Borges**

Oficial de Manutenção Hidráulica  
Técnico de Mantenimiento  
Hidráulico  
Hydraulic Maintenance Technician

**Amanda Minguta**

Assistente Administrativa  
Asistente Administrativa  
Administrative Assistant

**Amanda Rezende**

Curadora Assistente  
Curador Asistente  
Assistant Curator

**Bernard Gotelip**

Supervisor de Design  
Supervisor de Diseño  
Design Supervisor

**Bruna Nicolau**

Museóloga  
Museóloga  
Museologist

**Caroline Silva**

Analista de Infraestruturas e Sistemas  
Asistente de Infraestructuras y Sistemas  
Infrastructure and Systems Assistant

**Cayo Lima**

Assistente Administrativo  
Asistente Administrativo  
Administrative Assistant

**Clarice Saisse**

Educadora  
Educadora  
Educator

**Claúdia Araújo**

Assistente Administrativo  
Asistente Administrativo  
Administrative Assistant

**Davi Arcoverde**

Estagiário de Museologia  
Pasante de Museología  
Museology Intern

**Enzo Accioly**

Assistente Financeiro  
Asistente Financiero  
Financial Assistant

**Felipe Viana**

Produtor da Escola do Olhar  
Productor de la Escola do Olhar  
Producer of Escola do Olhar

**Gabriela Rodriguez**

Estagiária de Biblioteconomia  
Pasante de Biblioteconomía  
Librarianship Intern

**Gisele de Paula**

Arquiteta  
Arquitecta  
Architect

**Guilherme Carvalho**

Educador Pleno  
Educador Pleno  
Mid-level Educator

**Graziela Simões**

Estagiária de Museologia  
Pasante de Museología  
Museology Intern

**Isabela Cruz**

Assistente de Gestão de Acervo  
Museológico  
Asistente de Gestión de Colecciones  
de Museo  
Museum Collection Management  
Assistant

**Iuna Patacho**

Produtor  
Productor  
Producer

**Jaqueline Borges**

Estagiária de Educação  
Pasante de Educación  
Education Intern

**Jean Carlos Azuos**

Curador Assistente  
Curador Asistente  
Assistant Curator

**João Gabriel Peixoto**

Assistente de Design  
Asistente de Diseño  
Design Assistant

**Josecleiton dos Santos**

Oficial de Manutenção Elétrica  
Técnico de Mantenimiento Eléctrico  
Electrical Maintenance Technician

**Juliana Albernaz**

Produtora Executiva  
Productora Ejecutiva  
Executive Producer

**Juliana Cazumbá**

Educadora  
Educador  
Educator

**Karen Merlim**

Bibliotecária e Documentalista  
Bibliotecaria y Documentalista  
Librarian and Documentarian

**Luís Gustavo Carmo**

Estagiário de Comunicação  
Pasante de Comunicación  
Communication Intern

**Luciano Pereira**

Oficial de Manutenção Elétrica  
Técnico de Mantenimiento Eléctrico  
Electrical Maintenance Technician

**Luana Santos**

Assistente de Gestão de Acervo  
Museológico  
Asistente de Gestión de Colecciones  
de Museo  
Museum Collection Management  
Assistant

**Lucas Pires**

Produtor Executivo  
Productor Ejecutivo  
Executive Producer

**Marcos Inácio Meireles**

Supervisor de Montagem  
Supervisor de Instalación de Obras  
de Arte  
Artwork Installation Supervisor

**Maria Rita Valentim**

Educadora de Projetos  
Educadora de Proyectos  
Project Educator

**Miguel Arthur**

Supervisor de Operações  
Supervisor de Operaciones  
Operations Supervisor

**Nana Rosas**

Produtora da Escola do Olhar  
Productor de la Escola do Olhar  
Producer of Escola do Olhar

**Nara Campos**

Bibliotecária e Mediadora Cultural  
Bibliotecaria y Mediadora Cultural  
Librarian and Cultural Mediator

**Natan Cardoso**

Educador  
Educador  
Educator

**Nathan Gomes**

Assistente de Operações e T.I  
Asistente de Operaciones y TI  
Operations and IT Assistant

**Nicholas Bastos**

Produtor  
Productor  
Producer

**Priscilla Casagrande**

Assessora de Imprensa  
Asesora de Prensa  
Press Advisor

**Priscilla Souza**

Educadora de Projetos  
Educadora de Proyectos  
Project Educator

**Priscila Zurita**

Assistente de Museologia  
Asistente de Museología  
Museology Assistant

**Renata de Almeida**

Assessora de Comunicação  
Asesor de Comunicación  
Communication Advisor

**Renato Dias**

Montador  
Técnico de Instalação de Obras  
de Arte  
Artwork Installation Technician

**Renato Vieira**

Produtor  
Productor  
Producer

**Robnei Bonifácio**

Educador de Projetos  
Educador de Proyectos  
Project Educator

**Rosinaldo José de Oliveira**

Supervisor de Manutenção  
Técnico de Mantenimiento Hidráulico  
Hydraulic Maintenance Technician

**Saturno Douglas**

Produtor  
Productor  
Producer

**Taina Ribeiro**

Estagiária de Museologia  
Pasante de Museología  
Museology Intern

**Tatiana Cristina Silva**

Estagiária de Biblioteconomia  
Pasante de Biblioteconomía  
Librarianship Intern

**Tatiana Paz**

Educadora  
Educadora  
Educator

**Thainá Nascimento**

Assistente de Projetos  
Asistente de Proyecto  
Project Assistant

**Thayná Trindade**

Curadora Assistente  
Curador Asistente  
Assistant Curator

**PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO  
Ayuntamiento de Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro City Hall****Eduardo Paes**

Prefeito  
Alcalde  
Mayor

**Marcelo Calero**

Secretário Municipal de Cultura  
Secretario Municipal de Cultura  
Municipal Secretary of Culture

**Ana Paula Teixeira**

Subsecretária de Gestão  
Subsecretaria de Gestion  
Undersecretary of Management

**Mariana Ribas**

Subsecretária Executiva  
Subsecretaria Ejecutivo  
Executive Undersecretary

**Flávia Piana**

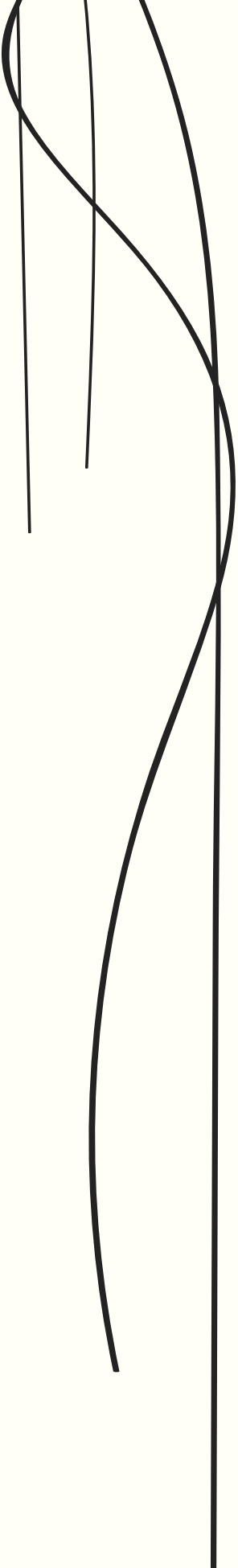
Chefe de Gabinete – SMC  
Jefe de Gabinete  
Chief of Staff

**Heloísa Queiroz**

Gerente de Museus  
Gerente del Museos  
Museums Manager

**CONSELHO MUNICIPAL DO  
MUSEU DE ARTE DO RIO -  
CONMAR  
CONSEJO MUNICIPAL DEL MUSEO  
DE ARTE DE RÍO  
MUNICIPAL COUNCIL OF THE RIO  
ART MUSEUM****Luiz Chrysostomo**

Presidente  
President



**José Roberto Marinho Geny  
Nissenbaum  
Hugo Barreto  
Luiz Paulo Montenegro  
Marcelo Calero  
Paulo Niemeyer Filho  
Pedro Buarque de Holanda  
Ronald Munk  
Eduardo Cavaliere**

Conselheiros  
Consejeros  
Counselors

**INSTITUTO ARTECIDADANIA**

**Correalização  
Co-realización  
Co-realization**

**José Peixoto da Silveira Junior**

Diretor Presidente  
Director Presidente  
CEO

**Animus Consultoria e Gestão**

**Michelle Ferraresso  
Mariana Ximenes  
Mariana Teixeira**

Consultoria e Gestão Administrativa  
e Financeira  
Administrative and Financial Consulting  
and Management  
Consultoría y Gestión Administrativa  
y Financiera

**CQS/FV - Cesnik, Quintino, Salinas,  
Fittipaldi e Valerio Advogados**

**Fabio de Sá Cesnik  
José Mauricio Fittipaldi  
Aline Akemi Freitas  
Flavia Manso**

Assessoria Jurídica  
Asesoría Jurídica  
Legal Advice

**SQUIPP Consultoria e Contabilidade  
Neuseli Virgens**

Assessoria Contábil  
Asesoramiento Contable  
Accounting Advice



---

F647 Confluências: Entre ruas, escolas e museus / Organizadoras: Patrícia Marys, Raquel Carriconde e Giulia de Vito.- Rio de Janeiro: Museu de Arte do Rio de Janeiro, 2024.

120 p.: il. color; 30 cm

Livro publicado em decorrência da Residência Artístico Pedagógica Mar nas Escolas nos anos de 2021,2022 e 2023.

Livro publicado em decorrência da Exposição realizada no Museu de Arte do Rio de novembro de 2023 a fevereiro de 2024.

ISBN 978-85-60226-12-2

1. Residência Artístico-Pedagógica. 2. Arte - Educação. 3. Professores. 4. Escola. 5. Museus. I. Marys, Patrícia. II. Vito, Giulia de III. Carriconde, Raquel. IV. Museu de Arte do Rio. V. Organização dos Estados Ibero-americanos.

CDU 374:069.016

CDD 707

---

Bibliotecária: Karen Merlim – CRB-7 /7101



Lei de Incentivo à Cultura  
Lei Rouanet

MANTENEDOR



INSTITUTO CULTURAL VALE

PATROCÍNIO MASTER



equinor



globo

PATROCÍNIO



Itaú

APOIO



INSTITUTO Machado Meyer



Wilson Sons

PARCEIRO DE MÍDIA



CLUBE DE DOCUMENTÁRIOS

GESTÃO



CORREALIZAÇÃO



APOIO



GOVERNO DO ESTADO RIO DE JANEIRO

CONCEPÇÃO E REALIZAÇÃO



Fundação Roberto Marinho



PREFEITURA DO RIO Secretaria Municipal de Cultura

REALIZAÇÃO



MINISTÉRIO DA CULTURA



GOVERNO FEDERAL  
BRASIL  
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO